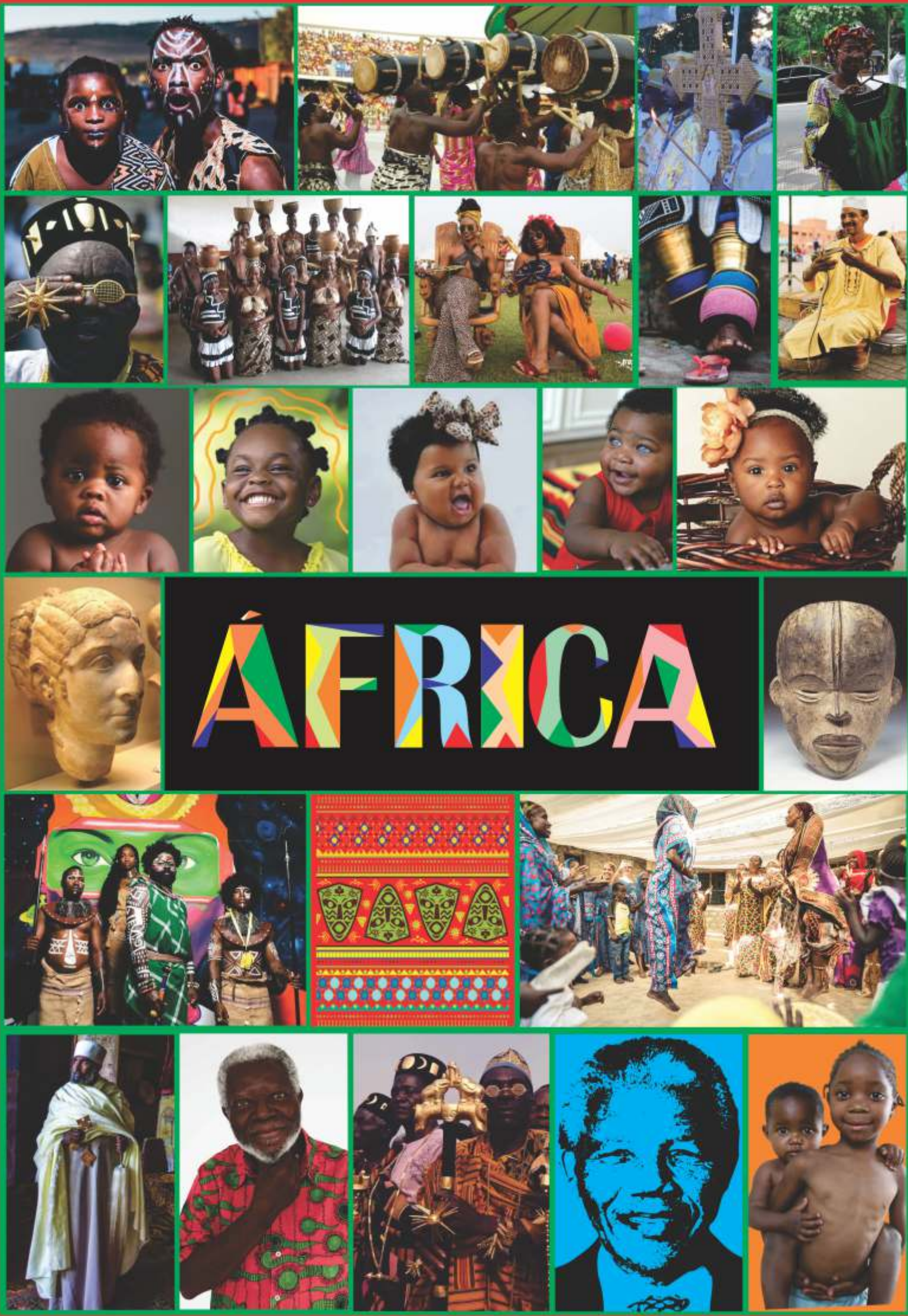
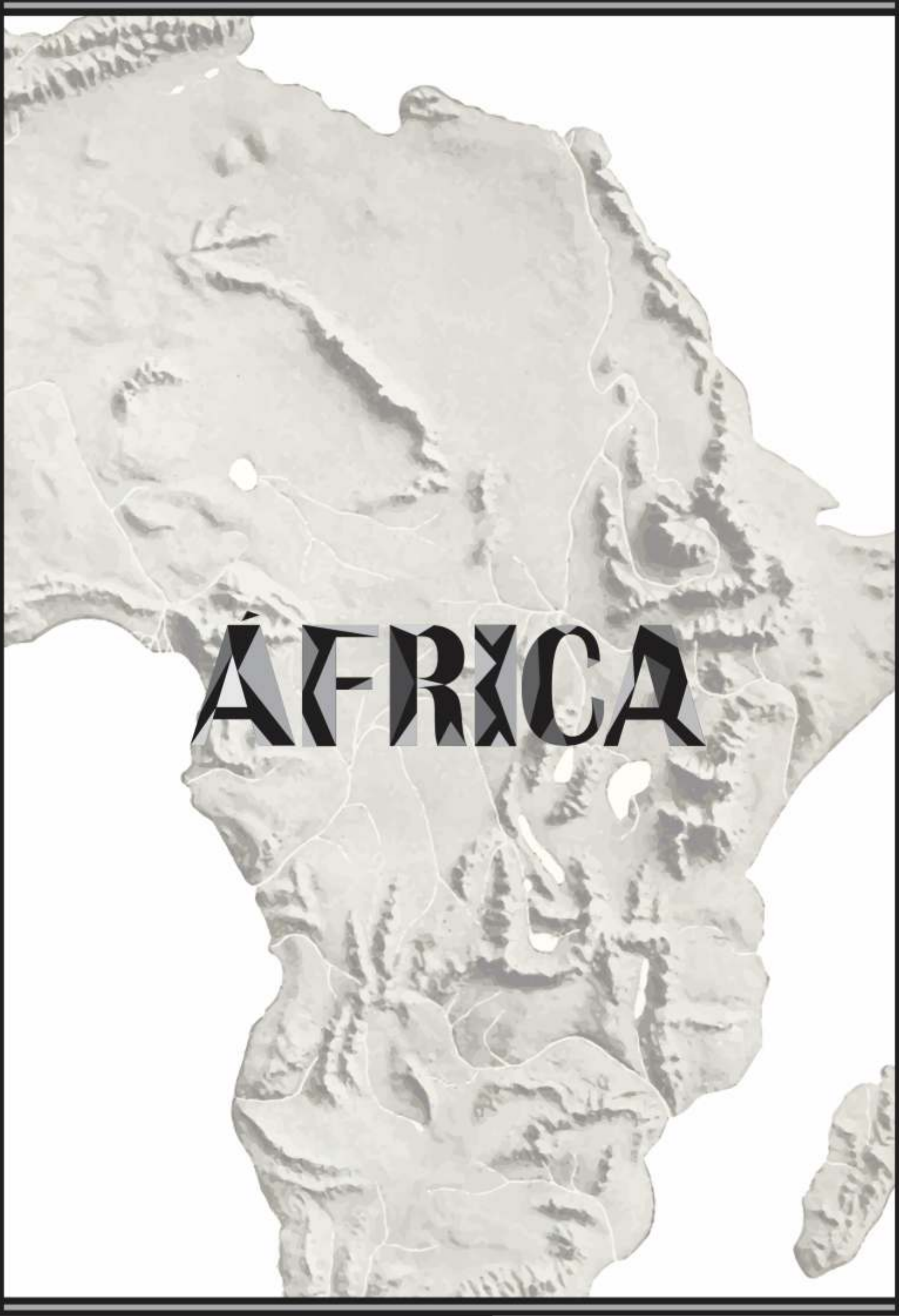

ÁFRICA


ÁFRICA

EXPOSIÇÃO

ÁFRICA

muitas histórias pra contar

A Lei nº 10.639/03, aprovada em janeiro de 2003, alterou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira nos currículos dos ensinos fundamental e médio. Conforme previsto no texto legal, o conteúdo deve contemplar o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra e a participação da população negra na formação da sociedade brasileira, abrangendo suas contribuições nas áreas social, econômica e política. Trata-se de uma lei arrojada, que não propôs apenas uma alteração curricular, mas também uma transformação de conceitos, práticas e comportamentos no ambiente educacional. Contudo, passados mais de vinte anos de sua promulgação, pesquisas demonstram que a legislação ainda não foi plenamente efetivada, tampouco implementada como uma política pública consolidada. É evidente que não será possível construir uma sociedade mais justa e igualitária sem uma educação de qualidade, capaz de reconhecer o racismo como um dos principais obstáculos à promoção da equidade.

A exposição "África: muitas histórias pra contar" não pretende preencher completamente essa grave lacuna, mas, antes, chamar a atenção para essa ausência, que revela uma histórica negligência na valorização dos conhecimentos e narrativas africanas. Afinal, a permanência de uma visão que associa a população pobre brasileira, majoritariamente negra, a lugares de subalternidade contribui para que mudanças profundas nos parâmetros educacionais não sejam tratadas como prioridade. A mostra tem como objetivo desconstruir o olhar preconceituoso que, ao longo do tempo, encobriu o continente africano após o processo de colonização europeia. Essa narrativa depreciativa foi construída para sustentar discursos históricos e raciais excludentes, que reduziram a África a uma representação de ausência e atraso. A exposição busca proporcionar à comunidade escolar um contato didático, crítico e empático com as histórias dos povos que constituíram esse continente, permitindo reconhecer suas semelhanças, diferenças e complexidades, além de construir uma visão mais ampla, diversa e positiva da África: berço da humanidade e fonte de importantes conhecimentos e saberes.

A expografia está organizada em três blocos temáticos, identificados por palavras da língua iorubá. O primeiro, "Oriki", que significa "louvar" ou "saudar", apresenta um panorama geral do continente africano e de suas múltiplas histórias. O segundo, "Àṣẹ Ilé Obá", traduzido como "A força da Terra Mãe", evidencia o grandioso e muitas vezes ocultado passado africano, destacando seus poderosos reinos e impérios, que contradizem os discursos estereotipados e negativos difundidos pelos colonizadores europeus dos séculos XIX e XX. O último bloco, "Ajòdaájú", relacionado à ideia de "dispersão" ou "migração forçada", aborda a diáspora africana imposta aos povos do continente, intensificada, sobretudo, pelo tráfico transatlântico de pessoas escravizadas e pela desumana divisão territorial da África entre potências europeias durante o período colonial.

Oriki, África!
Prof. Iradilson Bispo
Barra dos Coqueiros, novembro 2025

"Saudar/louvar"

ORÍKÌ

ÁFRICA

muitas histórias pra contar



Oriki é uma palavra de origem iorubá: "orí" significa cabeça e "kì", saudar. Para essa tradição a palavra significa poesia, memória e evocação. Louva pessoas, entidades, lugares e acontecimentos, reafirmando identidades e reforçando pertencimentos.

Esse primeiro bloco da exposição propõe um olhar sobre a África para além dos estereótipos, revelando a diversidade de povos, culturas, conhecimentos que marcaram profundamente a história da humanidade. A África desenvolveu múltiplas formas de preservar e transmitir conhecimento: pela oralidade, pela música, pelos símbolos, pelos objetos, pela arquitetura e também por diferentes sistemas gráficos e formas de escrita. Entre elas estão os símbolos Adinkra, originários da África Ocidental, que expressam ideias, valores, provérbios e princípios filosóficos por meio de signos visuais.

Durante séculos, muitos desses saberes foram inferiorizados, silenciados ou apagados por narrativas coloniais, que freqüentemente reduziram a complexidade do continente africano e privilegiaram perspectivas externas sobre sua história. Louvar é também lembrar. Saudar é reconhecer. Contar essas histórias é romper silêncios e devolver visibilidade a memórias que nunca deixaram de existir.



















África: muitas histórias para contar

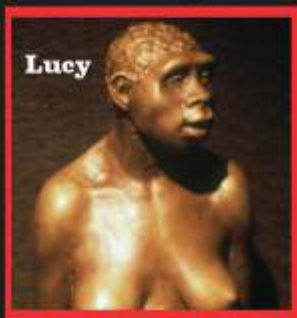


África: berço e jardim da humanidade e do conhecimento

A grande diversidade étnica e cultural nos permite afirmar que não existe um povo africano enquanto um grupo monolítico, existem povos africanos. A África é berço da humanidade e do conhecimento, já que os primeiros hominídeos surgiram nele. Foi lá onde aconteceu o processo de hominização: os primatas foram gradativamente evoluindo para espécies de hominídeos.

O primeiro hominídeo de que temos conhecimento foi o Australopithecus, que remonta a 3,7 milhões de anos atrás. Assim comprova o fóssil encontrado em novembro de 1974 na região de Afar, na Etiópia e que reescreveu a história da evolução humana. Na África surgiu o Homo habilis e lá, há um milhão de anos, se iniciaram as primeiras ondas migratórias de hominídeos para a Ásia e a Europa. Na África também surgiu o primeiro Homo sapiens, há cerca de 300 mil anos. A partir disso, os grupos humanos foram dando origens a diversas culturas espalhadas por todo o continente. Foi de lá que partiram os primeiros grupos imigrantes que povoaram o planeta e lá surgiu a primeira instituição das sociedades humanas: as famílias.

A África foi o nacedouro dos mais importantes avanços tecnológicos e científicos. A maior parte da história humana se desenvolveu nesse continente. Foi berço não só da civilização como também dos mais importantes avanços tecnológicos e científicos. Os primeiros seres humanos foram africanos de pele negra que se espalharam por outras partes do mundo, em várias ondas migratórias. As "raças" humanas de hoje são todas descendentes de africanos de pele negra e, entre elas, não há grandes diferenças genéticas. Os seres humanos de hoje pertencem a uma só espécie: homo sapiens, cuja ancestralidade comum é negra e africana. E se, nos últimos 500 anos, os negros africanos tiveram que resistir bravamente à colonização e à escravização do seu continente, também continuaram construindo cultura e conhecimento.



Lucy é um fóssil de Australopithecus afarensis, de 3,2 milhões de anos, descoberto em 1974, pelo professor Donald Johanson. Recebeu esse nome em homenagem à música *"Lucy in the Sky with Diamonds"*, dos Beatles.

1ª Civilização COMPLEXA
EGITO ANTIGO





Segundo a Enciclopédia Britânica a África é o segundo maior continente, depois da Ásia e cobre cerca de um quinto da superfície terrestre total.

Semente da Cultura

Foram os africanos negros que iniciaram e desenvolveram as invenções científicas e tecnológicas: agricultura, pecuária, matemática, medicina, tecnologia naval, metalurgia, entre outras. Foram os africanos negros que com sua capacidade migratória povoou e espalhou cultura para os outros continentes.





25 PRÊMIOS NOBEL

Entre eles o de 1993, concedido a Nelson Mandela, por seu trabalho para o fim pacífico do regime do apartheid e por lançar as bases para uma África do Sul democrática".
Nelson Mandela

Arte na vida e vida na arte

No vilarejo de Tiébélé, localizado no país africano de Burkina Faso, os moradores usam a pictografia na decoração de suas casas. O trabalho é feito por mulheres da aldeia, para reforçar o exterior das casas. A "tinta" é obtida pela mistura de barro e pedras esmagadas de diferentes colorações.

+ de 1 bilhão 500 PESSOAS

2º + continente Populoso

18% da população mundial



Pan-africanismo

Movimento político de grande importância para a luta antirracista na América e na Europa na passagem do século XIX para o XX. Em um momento onde o racismo e a segregação racial eram ainda mais presentes nas sociedades ocidentais, o pan-africanismo teve papel fundamental na valorização da cultura e da ancestralidade africana em negros nascidos na Diáspora. Grandes nomes da história, como Malcolm X, foram inspirados pelos ideais pan-africanistas.

África: um nome estrangeiro

Filósofos africanos consideram que a palavra África é uma injúria racial, (...) porque foi escolhido pelos exploradores europeus que se baseavam num projeto de categorização de cores da humanidade para estabelecer a hierarquia racial como parte de uma tentativa de defender o racismo científico e justificar a escravidão, a opressão colonial e a exploração. Baseara-se no clima, e, não, nas pessoas, e deveria ser renomeado.

Assim defende o estudioso de filosofia africana Jonathan Okeke Chimakonam e pesquisadores da Universidade de Pretória, na África do Sul.

Dr. Jonathan Okeke Chimakonam é professor de Filosofia da Universidade de Pretória, África do Sul.



Texto publicado originalmente no site da The Conversation Brasil e compilado de site https://g1.globo.com-/educacao/noticia/2024/09/13/filosofos-africanos-consideram-que-a-palavra-africa-e-uma-injuria-racial-e-que-continente-deveria-ser-renomeado.ghtml

Quem batizou a África e qual o significado do nome?

Existem várias fontes linguísticas e origens históricas das palavras e de seus significados. Conhecido como etimologia, isso também se aplica ao nome África. Para nós, as raízes gregas e latinas parecem ter mais credibilidade. Elas mostram que "África" foi tirado do grego aphrike, que significa sem frio; em latim, traduz-se para aprica, que significa ensolarado. Acredita-se que os antigos romanos a tenham usado para descrever a parte mais ao norte do continente. Mais tarde, a partir de 1400, comerciantes, escravistas, exploradores e colonos europeus chegaram ao continente e estenderam o nome para outras partes desse lugar. Você sabe como é: os seres humanos costumam dar nomes a estranhos ou a novos lugares que encontram. (...) Mas a história também mostra que esses "batizados" geralmente não são agradáveis devido ao espírito doentio de competição que naturalmente caracterizam as novas descobertas.

O nome África é uma injúria racial?

(...) Aphrike ou aprica refere-se ao clima quente do continente, talvez em exagero, com a falsa impressão de que o continente é "sem frio". Se o continente é quente e não tem frio, isso o tornaria o proverbial fogo do inferno, não é mesmo? (...) Acreditamos que é uma coisa hedionda um continente inteiro ser chamado por uma calúnia. Muitos países da África, como Zâmbia (Rodésia do Norte), Zimbábue (Rodésia do Sul), Burkina Faso (Alto Volta), Gana (Costa do Ouro), mudaram seus nomes após a independência política, porque eram alcunhas que rebaixavam sua cultura e negavam suas realizações como civilizações. (...)

Vocês defendem que o nome da África seja mudado?

Anaesia : um nome autoctone

Em nosso artigo de pesquisa, propusemos pensar em um nome como Anaesia - derivado de duas palavras Igbo-Africanas, ana e esi, que significam terra ou local de origem - como um substituto para o nome África. Um nome como Anaesia fala, aos fatos da história, sobre o continente como o primeiro lar de todos os seres humanos e onde a primeira língua humana foi falada.

Em seu livro *História Kemética da África* , o historiador senegalês, Dr. Cheikh Anta Diop, defende que o nome do continente originalmente chamado por seu povo era *Alkebulan* . Ele afirma que "Alkebu-lan", termo árabe que significa "mãe da humanidade" ou "jardim do Éden", era, bem antes da chegada de europeus, usado pelos mouros, núbios, etíopes e outros povos originários. Logo um termo autóctone que os colonizadores ignoraram.

Alkebulan

+2000 de LÍNGUAS

Estima-se que somente na Nigéria sejam mais de 500!



Fonte: SELLIER, 2005

De todos os 54 países africanos, 27 apresentam apenas línguas européias como oficiais, 18 apresentam pelo menos uma língua européia entre as oficias e apenas 9 não usam nenhuma língua européia como oficial. São eles: Argélia, Egito, Etiópia, Líbia, Marrocos, Mauritânia, Saara Ocidental, Somália e Tunísia.

(Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 10, agosto, 2010)

Embora muitos países tenham optado por manter, oficialmente, as línguas das ex-metrópoles; outros também conservaram as próprias: swahili na Tanzânia, wolof no Senegal ou árabe no Egito. Essas línguas nativas são organizadas em quatro grandes famílias:

Principais famílias linguísticas nativas

Nilo-saarianas
Espalhadas pela África Oriental e Sahel.

Afro-asiáticas
Incluem o árabe, falado no norte e leste do continente, e outras línguas.

Nigero-congolesas
Um grande ramo que engloba os povos da África Ocidental, Central, do Sudeste e Meridional, incluindo a família Bantu.

Khoisan
Ou Coissã, é encontrado principalmente na Namíbia e Botsuana.

A construção de uma não história

" (...) A África não faz parte da História do Mundo. Ela não tem movimento nem desenvolvimento a relatar." (Hegel, Filosófia da História)

No século XIX o filósofo alemão Friedrich Hegel, autor da clássica interpretação racional da História, excluiu a África negra, subsaariana, da história universal. Apenas duas partes da África, o Egito e a África Mediterrânea, entraram na História humana na concepção de Hegel e de seus seguidores.



Uma visão, preconceituosa, baseada em teorias racialistas que negava a contribuição da África negra ao desenvolvimento humano. Qualquer vestígio de arte, de tecnologia ou de civilização encontrado no continente era atribuído a uma intervenção externa europeia ou asiática.



Hoje, ainda há especulação se a Esfinge egípcia, com seu rosto negróide, foi uma pedra gigantesca modelada pelo vento ou uma obra humana. Há até quem acredite que a construção das pirâmides egípcias ou a cidade murada de Monomotapa seja obra de extraterrestres!

Africa: Al-sahra'al-Kubra

O tamanho do maior deserto quente do planeta é impressionante: 31% do território africano. Em números, 9,2 milhões de Km^2, sendo 1.800 Km de norte a sul e 4.800km de leste a oeste. Algumas de suas dunas chegam entre 152 e 183m.





Emi Koussi, que fica no Chade

Contudo, ele não é um grande monte de areia. De fato há muita areia em sua formação. Mas, em toda sua extensão, é possível encontrar áreas mais pedregosas, conhecidas como *"hamadas"*, além de vales e montanhas por todas as direções. Até possui um vulcão dormente, o *Emi Koussi*, que fica no Chade e é um dos picos mais altos da região.

O nome *Saara* deriva da palavra árabe *''Al-saḥrā'al-Kubrā*", cujo significado "o grande deserto". *''Saḥrā*" compartilha suas raízes com *''aṣḥar''*, ''o que é semelhante a vermelho amarelado'', cor que caracteriza as extensões arenosas do deserto.

O Saara é habitado, há muito tempo, por algumas tribos nômades. Duas destacam-se: *berberes* e tuaregues. O primeiro está na região desde o século X a.C.; estudiosos afirmam que eles foram os primeiros a habitá-la. Já os *tuaregues*, vistos por muitos como uma divisão originária dos berberes, são os únicos grupos desérticos a formar pequenos centros urbanos que funcionam como base.

Africa: quando o Saara era verde



Ilustração de lagos antigos e da paisagem verde no deserto do saara entre 7 a 3.000a.C.



Existem evidências que, antes de virar o que é hoje, o Saara teve uma vasta vegetação, com muitos rios, lagos e até animais como os hipopótamos. Dr Edward Armstrong, da Universidade de Helsinki, e equipe fizeram um modelo simulando como teria sido o Saara verde nos últimos períodos úmidos africanos.

Períodos úmidos africanos

Esses períodos ocorreram 230 vezes nos últimos 8 milhões de anos, sendo o último, entre o final do Pleistoceno e o início do Holoceno, época geológica que vivemos hoje, terminando entre 5 a 6 mil anos atrás. Isso é atestado por sedimentos marinhos nos lagos, evidências paleoclimatológicas e artísticas. As pinturas rupestres de Tassili N'Ajjer, na Algéria, mostram animais como elefantes, girafas, rinocerontes e hipopótamos. E nenhum deles viveriam na paisagem desértica de hoje. Elas datam de 11 mil anos atrás, um período no qual o Saara passava por uma fase úmida.

Leia mais em: https://super.abril.com.br/historia/quando-o-saara-era-verde-o-deserto-ja-passou-por-muitos-periodos-umidos/

África: invenção ideológica

Martin Bernal, professor inglês de estudos mediterrâneos e orientais, em sua obra *"Black Athena"*, defende que grande parte da cultura grega era de origem afro-asiática e denuncia que o discurso eurocêntrico degradou sistematicamente a África ao considerá-la deficiente de acordo com critérios e hierarquias arbitrárias criadas pelos europeus: a valorização da cultura literária, ao invés da oralidade, da melodia em detrimento da percussão, do tijolo em detrimento da palha, do vestuário em detrimento da decoração do corpo.

A África pré-colonial possuía uma cultura rica e diversificada e era palco de conquistas materiais significativas, como demonstram as ruínas do Grande Zimbábue, de amplo intercâmbio comercial, de crenças religiosas e sistemas sociais complexos, bem como de diversas formas de escrita como pictogramas e ideogramas.



Ilustração da Grande Zimbábue - Foto com detalhe do muro

A inferioridade do africano foi uma invenção ideológica que exigiu que se apagasse da memória histórica o significado da Núbia para o Egito, do Egito para a civilização grega, da África para a Roma imperial.

África: Pré-História

Durante o Período Mesolítico, entre 15 mil e 12 mil anos atrás, os historiadores identificaram uma melhora nas técnicas utilizadas para a fabricação de utensílios diversos. Nesse período também passaram a ser utilizados o arco e flecha no continente africano, garantindo mais precisão aos grupos humanos no momento da caça.

Esse estágio garantiu importantes mudanças na organização social dos diversos grupos humanos que habitavam o continente. A nova realidade permitiu o surgimento de diversas aldeias, e a divisão do trabalho permitiu que grupos distintos dos agricultores e pecuaristas surgissem, como os guerreiros.

Com o tempo, o modo de vida e a engenhosidade humana deram origem a novas técnicas, como a metalurgia. Evidentemente, nem todos os grupos humanos adotaram um estilo de vida sedentário, pois certas regiões do continente, como a região do Saara, impediam que isso fosse possível. Além disso, é importante pontuar que os avanços e as mudanças no modo de vida não eram homogêneos, e cada região da África se desenvolveu em seu próprio ritmo.



Ilustração de uma aldeia neolítica africana

África: sagrado movimento

As danças tradicionáis africanas



Com uma diversidade cultural extensa, o continente africano engloba váriados estilos de dança, do popular ao sagrado, cada uma com características próprias, que envolvem performance, ritmos, crenças entre outras coisas.

Grande parte delas estão relacionadas com a religião, no qual o corpo do dançarino faz a ligação entre a terra e os mundos espirituais e a dança, o elemento de passagem para o transe. Em algumas delas, a coreografia é executada com os pés descalços para ligar o bailarino à Terra. Existem também danças associadas a acontecimentos da vida prática: casamento, agradecimentos, rituais de passagem. Todas, em maioria, são ritmadas por instrumentos de percussão, incluindo tambores como o Djembê, xilofones como o Balafon etc. Uma característica muito peculiar das danças africanas é a sua disposição: círculos, fileira ou semicírculos, e sua abrangência, realizada coletivamente.

Gnawa



Dança ligada à morte, em culto ao Deus Hadra e popular em países como Argélia e Marrocos. Rituais de cura com poesia e música. Os bailarinos, vestem-se de branco e usam chapéus com adornos, que incluem amuletos, talismãs etc.. Organiza-se em círculo ou linha enquanto tocam e executam movimentos acrobáticas.

Kazukuta



Dança típica do carnaval de Angola. Sua coreografia simula um sapateado lento, onde os bailarinos mantém-se apoiado numa bengala ou guarda-chuva, oscilando o peso do corpo, ora na ponta dos pés, ora no calcanhar. O figurino é inspirado em fardas do exército. Os músicos utilizam instrumentos variados: latas, dikanzas, arcos de barril etc..

Guedra



Dança ritual típica de algumas comunidades berberes que vivem na região do deserto do Saara e são chamadas de "Povo Azul" pela cor das suas roupas. Seu intuito é afastar doenças e influências negativas: enquanto os homens tocam tambores, apenas as mulheres dançam e usam a força feminina para combater os possíveis males.

Dança popular comtemporânea africana

Embora seja conhecido como um gênero musical, o kuduro é uma dança popular que nasceu na década de 1980, no meio da juventude urbana da periferia de Luanda, Angola. Com movimentos bastante rápidos, sobretudo nos membros inferiores e quadris, o Kuduro é dançada de modo individual ou coletivo.



Kuduro

África: escritas autoctones

"A afirmação de que os povos autóctones da África subsaariana nunca inventaram formas escritas não é inteiramente verdadeira"

Adriano Moraes Migliavacca - 2019

A história da escrita na África estende suas raízes a tempos bem antigos. Há, nas culturas africanas, uma verdadeira riqueza de sistemas gráficos de signos e símbolos de diversas natureza. Pesquisadores da arte rupestre encontraram na África o maior número de pinturas em cavernas no mundo. E arqueólogos demonstraram que a sua arte rupestre de fato se constitui numa forma de escrita.

Eles defendem que alguns dos pictogramas são, na verdade, ideogramas que testemunham o desenvolvimento do pensamento dos grupos humanos que os produziram, contendo mitos e lendas que guardam grande parte do conteúdo moral e intelectual dessa sociedade.

Em povos como os *dogons*, símbolos gráficos são usados com finalidade mnemônica: permitem o registro e, portanto, a retomada da informação: uma das funções da escrita. Os signos gravados em pedra, árvore, ou mesmo na pele humana, são usados para recordar





Exemplo do sistema de escrita dogon em uma porta. Relata a migração do povo de terras ancestrais para sua localização atual nas Falésias de Bandiagara, no Mali, entre os séculos XII a XV.



Exemplo do sistema nsibidi.

Existe um elaborado sistema de signos gráficos conhecido como *nsibidi*, contendo diversos símbolos de valor concreto e abstrato. Originário dos *povos ecóis, efiks e igbos* do sudeste da Nigéria é usado pragmaticamente na ornamentação de tecidos, de cabaças, de utensílios de ferro e de madeira. E também esotericamente na linguagem reservada aos cultos da sociedade secreta Ekpe. (...) Vale ainda lembrar dos símbolos conceituais *adinkra* dos povos akans e o *do tambor dúndún* dos iorubás.

Tambor dúndún

Tambor de membrana, em forma de ampulheta ou cilíndro, usado pelos povos iorubás do sudoeste da Nigéria, capaz de imitar os tons e a fluidez da língua falada. Com ele é possível comunicar frases inteiras, perfeitamente reconhecíveis pelos ouvintes, sem o auxílio da linguagem verbal. Possui equivalentes na África Oriental , na Ásia e Melanésia.





Dunduns da Guiné-Bissau (dunun, doundoun ou djun djun) designa uma família de bimembranofones cilíndricos de percussão tradicional da África Ocidental. O maior dos tambores chama-se doundounba; o médio, sangban; e o menor, kenkeni.

África: escrita fantasma

A grafia é uma tecnologia desenvolvida para comunicar a língua de maneira visual. No Brasil, como em diversas partes do mundo, utilizamos o alfabeto latino para transmitir mensagens escritas. Mas será que essas letras, sinais e as pontuações são as únicas maneiras visuais de expressar ideias?





Os hieróglifos eram considerados a linguagem dos deuses, eternizando ideias, crenças e feitos das antigas civilizações africanas. Eram pactos com o divino, garantindo que o nome e as ações dos faraós jamais caíssem no

É do continente africano o pioneirismo da escrita. Há cerca de seis mil anos, os povos do Nilo no Egito Antigo já escreviam e registravam a sua história. A escrita africana é diversa, abrangendo sistemas antigos como os hieróglifos egípcios e os meroíticos, utilizados no Reino de Kush, no atual Sudão e mais modernos como o Tifinagh: usado por povos berberes no norte da África, como os tuaregues, o Vai, sistema de escrita silábico da Libéria e uma das mais bem-sucedidas da África Ocidental; e o Adinkra, além de outros como o Guiz, usada na Etiópia e na Eritreia, e o Sona, uma escrita ideográfica encontrada em Angola e Zâmbia, que usa pontos e linhas para representar conceitos.

Na África Ocidental, especialmente nos países de Gana, Burkina Fasso e Togo, histórias transmitidas oralmente relatam que no século XVII surgiu o povo Ashanti através da união do povo Akan. Eles desenvolveram *os "Adinkras"*, ideogramas usados para transmitir valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais. Esses símbolos são uma expressão da cosmopercepção desse povo e eram estampados em tecidos, adornos, penteados, esculturas em madeira e até mesmo em peças de ferro, sendo especialmente utilizados em rituais fúnebres – a própria palavra "Adinkra" traduz-se como "adeus à alma".

Por conta das diásporas africanas, são encontrados em todo o mundo, inclusive no nosso país. Você já reparou em alguma grade ou portão de ferro com padrões que lembram corações? Essa estilização é difundida por todo o Brasil. O símbolo não é um coração, mas sim uma *SANKOFA*, um tipo de ideograma do povo Ashanti. Ele faz parte dos *Adinkras*, um conjunto de símbolos que representam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais da cultura Ashanti.



NOMES AFRICANOS

Os nomes próprio africanos expressam a identidade pessoal e coletiva das pessoas. Eles podem refletir características pessoais, eventos significativos, aspirações, virtudes, crenças ou valores. Os nomes também podem indicar a região de origem ou a afiliação étnica fornecendo um senso de pertencimento e conexão com sua comunidade.



Foto Acervo - Afreaka

Nome - Significado - Língua - País

Femininos

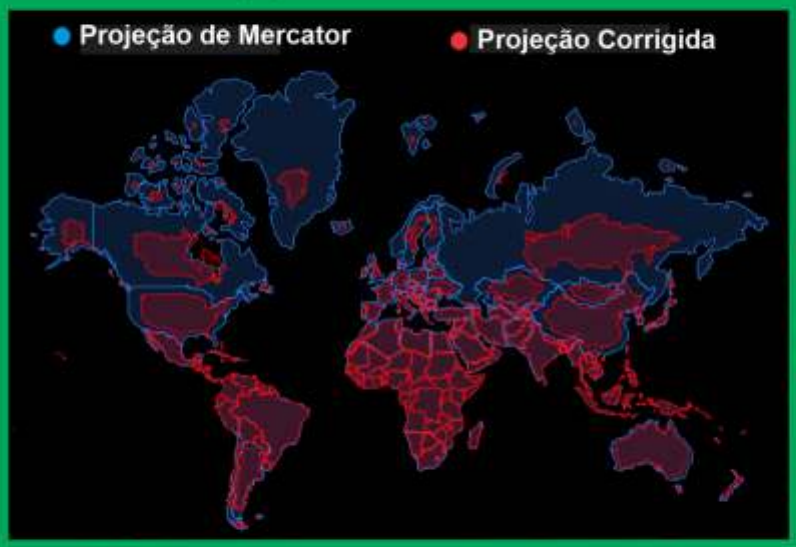
ABIDEMI - nascida durante a ausência do pai - Iorubá - Nigéria. CHINARA - Deus pode receber - Ibo - Nigéria. GIMBYA - princesa - Hausa - Nigéria. GOITSEMEDIME - Deus sabe - Tswana - Botsuana. HADIYA - dádiva - Suaíli - Quêniai. MALAIKA - anjo (Suaíli, Quênia). MANDISA - doce, meiga. (Xhosa, África do Sul). NALA - rainha (Suaíli, Tanzânia). SHENA - quieta, calma, reservada (Tutsi, Ruanda). ZENABU - bonita (Suarili, Quênia -Tanzânia)

Masculinos

AMIR - Príncipe - Suaíli - Uganda. BEM - Paz - Tiv - Nigéria. GARAI - Tranquilo - Shona - Zimbábue. JALIL - Exaltado, honrado - Suaíli - Quênia. KAYIN - Criança muito aguardada - Iorubá - Nigéria. MALIK - Monarca - Somali, Somália. NASSOR - Vitorioso - Suaili - Quênia/Tanzânia. NGOZI - Bênção - Ibo - Nigéria. SIMBA - Leão - Suaíli - Quênia/Tanzânia. TALIB - Buscar - Suaíli - Quênia.

África: o continente gigante que o mapa encolheu

Você sabia que o mapa-múndi que usamos está errado? Pois é! A forma como o planeta é representado na maioria dos mapas, conhecida como projeção de Mercator, distorce o tamanho real dos continentes, e o maior prejudicado é justamente a África. O continente africano é muito maior do que parece. Dentro dele cabem os Estados Unidos, a China, a Índia, a França, a Alemanha, a Espanha e até o Japão. Todos juntos e ainda sobraria espaço.



A África é o segundo maior continente do mundo, perdendo apenas para a Ásia. Mas, por causa da projeção de Mercator, usada desde o século XVI para facilitar a navegação, os continentes próximos ao Equador, como a África, aparecem menores, enquanto as próximas aos polos, como a Europa e a Groenlândia, parecem maiores do que realmente são. Basta ver que a Groenlândia , por exemplo, parece quase do tamanho da África nos mapas, mas, na realidade, é quatorze vezes menor. Essa distorção não é apenas geográfica. Ela também influenciou, por séculos, a percepção cultural e a política sobre o continente africano, reduzindo simbolicamente sua importância no mundo.

A África não é apenas grande: é imensa, viva e central na história da humanidade. Um gigante que o mapa tentou esconder, mas que a verdade geográfica faz questão de revelar. A ''União Africana'', organização internacional formada por todos os países e territórios do continente, apoia a campanha ''Correct the Map", (Corrija o Mapa em português) para o uso de mapas mais precisos e para combater a percepção errada sobre o continente.



PAÍSES e CAPITAIS

África do Sul - Pretória, Bloemfontein e Cidade do Cabo / Angola - Cabinda / Argélia - Argel / Benin - Porto-Novo / Botsuana - Gaborone / Burkina Faso - Ouagadougou / Burundi - Bujumbura / Cabo Verde - Praia / Camarões - Yaoundé / Chade - N'Djamena / Comores - Moroni / Congo - Brazzaville / Costa do Marfim - Abidjan / Djibuti - Djibuti / Egito - Cairo / Eritreia - Asmara / Essuatini - Lobamba / Etiópia - Adis Abeba / Gabão - Libreville / Gâmbia - Banjul / Gana - Acra / Guiné - Conacri / Guiné Equatorial - Malabo

Guiné-Bissau - Bissau / Lesoto - Maseru / Libéria - Monróvia / Líbia - Trípoli / Madagascar - Antananarivo / Malauí - ilongwe / Mali - Bamako / Marrocos - Rabat / Mauritânia - Nouakchott / Maurícia - Porto Luís / Moçambique - Maputo / Namíbia - Windhoek / Níger - Niamey / Nigéria - Abuja / Quénia - Nairobi / R.D. Congo - Kinshasa / República Central Africana - Bangui / Ruanda - Kigali / São Tomé e Príncipe - São Tomé / Senegal - Dakar / Serra Leoa - Freetown / Seychelles - Victoria / Somália - Mogadíscio / Suazilândia - Mbabane e Lobamba / Sudão - Cartum / Sudão do Sul - Juba / Tanzânia - Dodoma / Togo - Lomé / Tunísia - Tunis / Uganda - Kampala / Zâmbia – Lusaca / Zimbábue - Harare / Saara Ocidental (Território) - El Aiuni

África: afrobrasilidades

Você, já se perguntou sobre qual a extensão da influência africana no português brasileiro? Por quase trezentos anos, o Brasil recebeu milhares de africanos, aqui trazidos como escravos, para trabalhar na agricultura ou na mineração. Vieram grupos étnicos de praticamente todo o continente africano.

Aqui destacamos dois: o guineano-sudanês e o banto. Esses povos falavam muitas línguas. Quatro exerceram razoável influência na língua luso-bradileira. Do primeiro grupo, podemos mencionar o lorubá ou nagô (Nigéria) e o eue ou jeje (Benim). Do segundo, o quimbundo (Angola) e o quicongo .(Congo).





































Algumas palavras africanas na Língua Portuguesa Brasileira

QUIBEBE - FAROFA - MARIMBONDO - DENDÊ - MUTAMBA - CANDOMBLÉ - CALUNDU - OXALÁ - OGUM - MOCAMBO - MURUNDU - SENZALA, IEMANJÁ - MACUMBA - AXÉ - FUBÁ - GUANDU - MANDINGA - LUNDU - CANJERÊ - GONGÁ - QUITUTE - VATAPÁ - ACARAJÉ - MUNGUNZÁ - QUINDIM - CANJICA - ATABAQUE - CARANGOLA - MUQUECA - CALOMBO - CAXUMBA - BANGUELA - BANGU - MUZAMBINHO - XANGÔ - CACIMBA - QUILOMBO - TANGA - MIÇANGA - POMBAJIRA - CAXAMBU - JONGO - MAXIXE - SAMBA - MARIMBA - BERIMBAU - CAMUNDONGO - CAÇULA - CAXINGUELÊ - UMBANDA - CARURU - MANGANGÁ - JILÓ - QUIABO - CACUNDA - CAPENGA - BUNDA - QUIMBANDA

DENGO - MOLEQUE - AGOGÔ - QUITANDA - ABADÁ - BAGUNÇA - MACACO - CACHIMBO - BABÁ - DENDÊ - EBÓ - PIPOCA - SAMBA - BOBÓ - DANDALUNDA - DESPACHO - ERÊ - ILÊ - MOÇAMBIQUE - QUIZILA - SINHÁ - SINUCA - SINHÔ - CAÇAMBA - MUAMBA - ANGU - JABÁ - CALOMBO - BABACA - BALANGANDÃS - BAMBA - BOROCOXÔ - CAFUNÉ - COCHILAR - ENGAMBELAR - FUNGAR - FURDUNÇO - GINGA - IAIÁ - MUVUCA - QUIZOMBA - SARAVÁ - XODÓ - XINGAR - BELELÉU - CACIMBA - CAFOFO - BANJO - CANZÁ - CUÍCA - GANZÁ - ZABUMBA



























"A Força da Terra Mãe"

ÀSẸ ILẸ OBÁ

ÁFRICA

muitas histórias pra contar

"Àse Ilé Obá", "A Força da Terra Mãe",

Muito antes da expansão europeia pelo oceano Atlântico, diferentes sociedades africanas já haviam construído reinos, impérios, cidades, exércitos e complexas formas de organização política e social. Da África surgiram conhecimentos, técnicas, expressões artísticas e tecnologias que atravessaram fronteiras e permanecem vivas na memória e na cultura de seus descendentes. Entre essas histórias estão poderosos reinos e impérios, além de exércitos formados por homens e mulheres, como as célebres guerreiras do antigo Reino do Daomé.

Por séculos, grande parte desse passado foi silenciado, reduzido ou distorcido por narrativas coloniais, que difundiram imagens estereotipadas sobre o continente africano. Este segundo bloco da exposição revela uma África de força, conhecimento, criatividade, poder e protagonismo histórico. Conhecer esse passado é romper estereótipos. Valorizar essa herança é reconhecer a grandeza de quem veio antes.

ÀSẸ ILẸ OBÁ

Ou "Axé Ilê Obá", na grafia em português, é uma expressão da língua iorubá que significa "A força da casa da rainha".

Àṣe/Axé: força, poder, energia ou vida. É o poder que faz as coisas acontecerem e sustenta a existência no sistema de crenças iorubá.

Ilè /Ilê: casa ou templo sagrado.

Obá: divindade feminina, iorubá, representada como guerreira.

Obá é uma poderosa orixá do panteão africano, conhecida por sua força, coragem e ligação com as águas revoltas. No Candomblé e na Ubanda, religioes de matriz afobrasileira, ela é venerada como uma guerreira e protetora, além de ser associada à sabedoria e às emoções profundas. É um símbolo de empoderamento feminino, representando a força ,a independência e o auto-cuidado da mulher



As cores associadas a Obá são o vermelho e o branco, simbolizando paixão e pureza

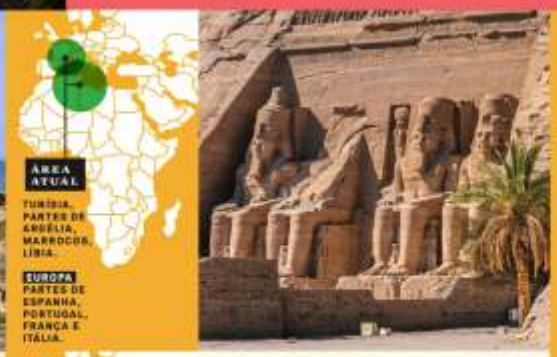
Os elementos de Obá incluem a água, que simboliza sua ligação com rios e correntezas, e o fogo, representando sua natureza ardente.

Ao saudar Obá, os praticantes do Candomblé frequentemente dizem "Obá Xiré/Siré!" (Salve Obá!), expressando respeito e devoção.











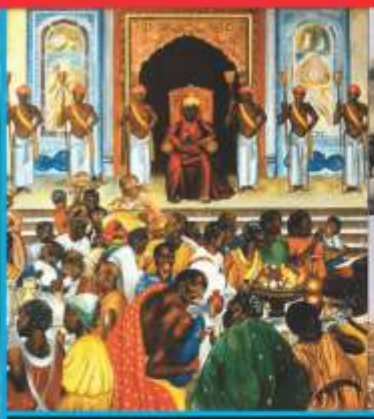






Africa: resiliência e resistência











"Nos porões dos navios, além dos músculos, iam as ideias, os sentimentos, tradições, mentalidades, hábitos alimentares, ritmos, canções, palavras, crenças religiosas, formas de ver a vida, e o que é mais incrível: o africano levava tudo isso dentro da sua alma, pois não lhes era permitido carregar seus pertences"

(Renato Barbieri, 1998.)





















África: historiografia e imagem estereotipada





A historiografia colonial deixou imagens estereotipadas da África, popularizadas em filmes, como Tarzan, que resistem até hoje. Nelas, raramente são mostrados um palácio real, um império, reis ou rainhas e, ainda menos, uma cidade moderna construída pelo próprio ex-colonizador. Ao contrário, estão geralmente exibindo uma África dividida e reduzida, enfocando sempre os aspectos negativos, como atraso, barbárie, fome, calamidades naturais, doenças endêmicas, guerras, miséria e pobreza.



Vista das pirâmides e Esfinge - Egito



Ilustração de Cartago - Crédito:Wikimedia Commons



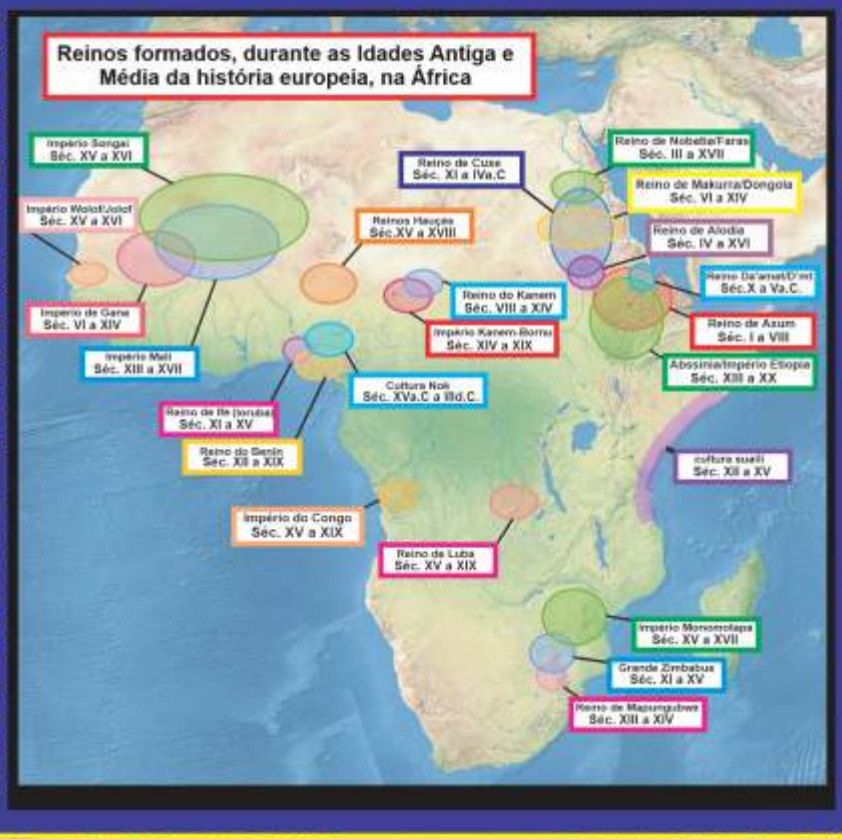
Muralha do Grande Zimbábue - leste do Zimbábue

África: Antigos Reinos e Impérios - IX a.C. a XVI d.C

A África pré-colonial foi palco do florescimento de muitos reinos que exerceram grande controle político sobre o continente e estabeleceram significativas relações comerciais com outras regiões do planeta. Os impérios e reinos africanos desenvolveram-se a partir da organização de um poder político centralizado, com controle sobre uma grande diversidade de povos.

É preciso entender que o chamamos de reinos africanos, para ficar mais fácil de entender, nem sempre tinha uma figura de rei como nós conhecemos. Eles se formavam, geralmente, a partir de cidades ricas, desenvolvidas e poderosas que dominavam outras cidades e aldeias ao seu redor. Surgiram não apenas na África ocidental, mas também na África oriental, nas regiões próximas à costa do oceano Índico.

A história da África não começou com o tráfico transatlântico negreiro. Na verdade, o imperialismo intelectual e o racismo epistêmico ocidental exterminam e escamoteiam a sistematização do conhecimento africano, considerado-o à margem da sociedade e do corpo do conhecimento. A história africana começa, muito antes do período colonial e não se resume aos aspectos negativos associados ao processo da escravidão. O ocidente usou da estratégia de negar e ofuscar a história africana para supervalorizar a cultura eurocêntrica.







Igreja Escavada na Rocha de Lalibela - Amhara - Etiópia

Até a vespera da era colonial moderna viajantes árabes e europeus, descreveram em seus relatos a verdadeira África. Onde alternavam-se reinos, impérios, cidades-estados e outras formas políticas.

"Quando penetrei na região do Kassai e do Sankuru, encontrei ainda aldeias cujas ruas principais tinham quilômetros bordados com fileiras de palmeiras e cujas residências eram decoradas de maneira fascinante como se fossem obras de arte. (...) Havia, por toda parte, tecidos de veludo e de seda. Cada taça, cada cachimbo, cada colher eram uma obra de arte, e totalmente dignos de comparação com as criações europeias"

Testemunho do viajante e pesquisador alemão Leo Frobenius, quando da sua visita em 1906 à África central

África: Egito Antigo - XXXIa.C. a IIId.C

O Egito Antigo é a mais conhecida e longeva civilização africana. Prosperou às margens do Rio Nilo, por volta de 3.200a.C., onde inúmeras comunidades aldeãs foram unificadas e controladas por um poder de caráter teocrático, centralizado na figura do faraó.

O faraó era considerado a personificação viva de Rá, o deus-Sol sendo, portanto, divinizado. Os principais testemunhos da riqueza egípcia são as pirâmides, os templos, os obeliscos, as estátuas colossais de deuses e faraós, as pinturas e os relevos. Assim como os conhecimentos astronômicos, médicos e matemáticos, os sistemas de escrita hieroglífica, demótica e hierática, os canais de irrigação, a produção do papiro para escrita etc.

O Egito conquistou outros povos e, mesmo sob domínio estrangeiro do assírios, macedônios e romanos, manteve sua identidade cultural Essa, muitas vezes, absorvida pelos conquistadores. É a única civilização antiga africana com um campo de estudo próprio: a Egiptologia











Os antigos egípcios usaram vários nomes para se referir a seu país. O mais comum era Kemet ("Terra Negra"), que se aplicava ao território nas margens do Nilo em referência à cor do solo. Já Decheret ("Terra Vermelha") era o nome que designava a região desértica, onde eles enterravam seus mortos. Também usavam as palavras Taui ("Duas Terras"), em alusão ao Alto e ao Baixo Egito, Ta-meri ("Terra Amada") e Ta-netjeru ("Terra dos Deuses"). Na Bíblia, o Egito é chamado de Misraim. Nós usamos uma variação do grego Aigyptos (pronuncia-se "Aiguptos"), que, acredita-se, significa "a mansão da alma de Ptah". Os egípcios atuais usam a palavra de origem árabe Misr.

Os povos do Egito cultivavam cereais, como trigo e cevada. Além da produção do linho, a agricultura tornou-se a base econômica da nação que se formava. Plantavam também cebola, alho-porró, alho, alface, melancia, pepino, melão, grão-de-bico, lentilha, maçã, romã, azeitona, abacate e tâmara. No Baixo Egito, mais fértil e rico, também se praticava a caça e a pesca.

Eram pacíficos e muito religiosos. Criaram uma infinidade de deuses — eram tantos que alguns tinham "jurisdição" em apenas uma cidade, povoado ou vilarejo. Adoravam também muitos animais, como o chaca, por sua esperteza noturna; o carneiro, símbolo da reprodução; o jacaré, pela agilidade na água; a serpente, pelo poder de ataque; a águia, por sua capacidade de voar e o escaravelho, ligado à ressurreição. Mas o mais sagrado de todos era o gato, talvez por proteger os estoques de alimentos dos ratos e as pessoas das cobras venenosas, pragas que infestavam a região. Desde 2000 a.C., quando foram domesticados, toda família tinha um gato de estimação. Também desenvolveram sofisticadas técnicas de mumificação, acreditando que os corpos dos mortos teriam alguma utilidade na outra vida.





Menes unificou o Egito e tornou-se o primeiro faraó. Os estudiosos chegaram a essa conclusão graças a uma placa de xisto que registra esse evento. De um lado, ela mostra o faraó usando a coroa branca típica do Alto Egito; do outro, a coroa vermelha do Baixo Egito. A maior dúvida parece ser o nome do soberano — Menes ou Menés para uns, Narmer (em grego) ou Hórus Aka para outros. Seja qual for o nome pelo qual gostava de ser chamado, ele fundou Mênfis para ser a capital do reino.

A partir de Menes, dezenas de famílias,as dinastias, governaram o Egito até a morte de Cleópatra, em 30 a.C., quando o Egito passou a fazer parte do Império Romano. Foram ao todo 30 dinastias. Durante a terceira e a quarta dinastias, foram erguidas as pirâmides de Saqqara e Gizé. A pirâmide de Quéops foi a construção mais alta do mundo por cerca de 4 mil anos. Com essas 30 dinastias, que governaram o país por cerca de 3 mil anos, o Egito viveu três momentos de esplendor e três graves crises. Mais ou menos no meio dessa história, 13 séculos antes da derrota para Roma, o Egito conheceu a glória de ser o maior império sobre a Terra.

No Egito Antigo, os camponeses trabalhavam em terras que pertenciam ao Estado, às altas camadas da sociedade e aos templos, entregando a eles o excedente da produção como imposto. Surgiram as primeiras escritas hieroglíficas, usadas para controlar o pagamento de impostos pelas provincias. Preceitos religiosos intercalados com artigos de natureza civil e penal foram codificados no Livro dos Mortos, considerado o primeiro sistema jurídico do mundo.



África: feminal

Segundo Paulina Chiziane, as mulheres africanas, do continente e da diáspora, foram propositalmente enfraquecidas, despojadas de sua grandeza e poder pela colonização árabe e europeia, que impôs um modelo de mulher fraca e submissa. A África está repleta de modelos de força e grandeza. Cleópatra, frequentemente retratada falsamente como branca, é um desses exemplos. Além dela, há muitas outras que marcaram a história com suas contribuições e liderança.



Nefertiti

Seu nome significa "A Beleza Chegou", é uma das figuras mais enigmáticas do Egito Antigo. Ela se casou com o faraó Akhenaton, e seu reinado coincidiu com um dos períodos mais intrigantes da história egípcia: a introdução do culto monoteísta ao deus Aton. Nefertiti é mais conhecida pelo famoso busto que a retrata, encontrado em 1912, que representa um ícone de beleza e elegância. Além de sua influência religiosa, Nefertiti também exerceu um papel de liderança e poder, possivelmente governando como co-regente ou até mesmo sozinha após a morte de Akhenaton

Amanirenas



Kandake Amanirenas foi uma rainha do antigo reino de Kush, situada ao sul do Egito, na atual Sudão. Ela governou durante o século I a.C. e é famosa por sua resistência contra a invasão romana. Amanirenas liderou seus soldados em batalhas contra os romanos, demonstrando grande coragem e habilidade estratégica. Seu reinado é um exemplo notável de resistência africana contra o imperialismo romano, e seu legado é um testemunho da força e resiliência das mulheres africanas na luta pela independência e autonomia.



Nzinga: rainha de Ndongo e Matamba

Nzinga Mbande, frequentemente referida como Rainha Nzinga, foi uma figura imponente na história africana. Nascida no final do século XVI, ela governou os reinos de Ndongo e Matamba, na atual Angola. Nzinga é famosa por sua resistência obstinada contra a colonização portuguesa e suas habilidades excepcionais como estrategista militar. Ela liderou seu povo na luta contra as forças coloniais, formando alianças com outras nações africanas e até mesmo com o inimigo colonial, o que demonstra sua habilidade diplomática. Sua resistência ao domínio europeu e sua luta pela independência continuam a ser um símbolo de bravura e determinação para a África e o mundo.



Ranavalona I

governou o Reino de Imerina, em Madagascar, de 1828 a 1861. Seu reinado foi marcado pela resistência firme contra a influência europeia, implementando políticas rigorosas para preservar a soberania de Madagascar e afastar a crescente influência dos missionários e colonizadores. Embora tenha optado por uma política de isolamento, foi uma defensora da cultura e das tradições malgaxes. Ranavalona I é lembrada por seu papel em proteger o reino de invasões externas e por sua determinação em manter a identidade cultural e a independência de Madagascar.



Amina (1425?), rainha huaçá de Zazau, atual Nigéria.

também conhecida como Aminatu, foi uma grande guerreira da cavalaria hauçá e que, mais tarde, se tornou rainha de Zazau, uma província da atual Nigéria, conhecida depois como Zaria. Zazau foi uma das várias cidades-estado Hauçá que dominaram o comércio transaariano após o colapso do império Songhai a oeste. Sua riqueza provinha do comércio, especialmente de artigos de couro, tecidos, cola, sal, cavalos e metais. Amina reinou na primeira metade do século XV e, segundo a tradição, por cerca de três décadas. Foi a primeira liderança, na Hauçalândia a possuir eunucos e comerciar noz-de-cola em grande escala. Estendeu as fronteiras do reino submetendo os governantes locais a vassalos para permitir a passagem dos comerciantes hauçás. Com isso favoreceu o comércio tornando o reino ponto de convergência do comércio Norte-Sul do Saara e Leste-Oeste do Sudão. Ordenou, também, a construção de uma muralha defensiva em torno da cidade, uma característica comum dos estados hauçás e que ficaram conhecidos como "muros de Amina".

https://ensinarhistoria.com.br/mulheres-africanas-rainhas-guerreiras-e-lideres-espirituais/

Muito da história da liderança preta na África foi distorcida pela perspectiva do colonizador, muitas vezes sendo completamente apagada. As consequências dessa deturpação são particularmente evidentes quando investigamos mais a fundo as vidas das rainhas africanas, que enfrentaram as estruturas patriarcais de seus reinos e se destacaram como figuras de importância entre seus conterrâneos.

África: Reino de Cuxe - IXa.C. a IVd.C.



Templo do Leão Período meroítico

Localizado ao sul do Egito, no atual Sudão, o Reino de Kush (ou Cuxe) foi um dos primeiros a ser centralizado. Formou-se na Núbia, região da rota de comerciantes que ligava o norte do continente à África Subsaariana. Além disso, a Núbia também contava com minas de ferro e de ouro, que abasteciam a população local e o comércio regional. A proximidade com o Egito fez com que os cuxitas recebessem grande influência, inclusive, utilizando-se da escrita hieroglífica e partilhando aspectos da religião. Os reis de Kush também eram considerados divindades, assim como no Egito.

Por volta de 750 a.C., os cuxitas entraram em conflito com seus vizinhos ao norte e conquistaram o Egito. Como resultado, fundou-se uma dinastia de faraós cuxitas, que usavam uma coroa de duas serpentes, simbolizando o domínio sobre os dois reinos: o Egito e Kush. As principais cidades de Kush eram *Nepata* e *Meroé*, capitais do reino em períodos diferentes, estavam situadas às margens do Nilo. *Nepata* cresceu principalmente como uma importante parada de mercadores, enquanto *Meroé* ficou conhecida pela metalurgia com grande produção de materiais de ferro e pelo desenvolvimento de uma escrita própria: a meroíta.



Estatuárias de faraós negros da dinástia Núbias



Conjunto de pirâmides Período meroítico

O Reino de Cuxe declinou pela exaustão dos recursos de ferro, componente crucial da sua riqueza e poder, e os constantes conflitos e lutas sucessórias que comprometeram a sua unidade e estabilidade. A invasão de reinos vizinhos, como os axumitas, que conquistaram Meroé no século IV d.C., bem como a disseminação do cristianismo na região, impactando a religião tradicional e as práticas culturais do reino, aceleraram ainda mais seu declínio e seu desaparecimento.



Escritas em Meroítico



Templo do Leão do Período meroítico

Templo de Apedemak em Musawwarat es-Sufra. Um complexo de templos meroíticos no Sudão, que remonta ao século III aC. Neles os deuses núbios Apedemak, Sebiumeker e Arensnuphis são retratados pela primeira vez.

África: Reino de Axum - Ia.C. a VIIId.C.

Outro poderoso reino africano na Antiguidade foi o de Axum, localizado no norte da atual Etiópia. Como Kush, Axum também ganhou destaque econômico principalmente pelo comércio marítimo através do Mar Vermelho.O sucesso foi tamanho que a cidade de Axum, capital do império, foi considerada o maior mercado de todo o nordeste africano. Com o fortalecimento econômico e político, o Reino conquistou regiões vizinhas, inclusive Kush. Chegou também a conquistar parte da Península Arábica, atravessando o Mar Vermelho.



Detalhe do obeliscos de Axum - III/IV d.C



Obeliscos de Axum (III/IV d.C.) - Esculpidos em blocos sólidos de sienito nefelínico pelo povo de Axum. Serviam de marcadores para as câmaras funerárias subterrâneas da realeza. Eles podem ser encontrados nas terras altas do norte da Etiópia.



A partir do século VII começa a decadência de Axum, primeiro devido à instabilidade comercial causada pelas disputas entre bizantinos e os persas do Império Sassânida e, após 632, pela expansão dos domínios dos árabes muçulmanos. Apesar das relações com os muçulmanos terem sido, inicialmente, amistosas, a ascensão da dinastia omíada, no século VII, causará o seu declínio.

Após um longo período, a partir do século XV , Axum se reergueu . A *Igreja de Santa Maria de Sião* foi reconstruída em 1404 e novos bairros de moradia foram criados. Porém, em 1535, a cidade foi invadida e destruída pelo chefe militar somali Amade ibne Ibraim Algazi. Nos séculos seguintes, Axum foi vítima de pragas de gafanhotos, de cólera e de fome: fenômenos que dizimaram sua população. Todavia, a grandeza e importância do reino nunca foi esquecida pelo povo etíope.



Moedas de ouro axumitas com a efigie do rei Ezana - 320 a 360d.C.



Igreja de Santa Maria de Sião

África: Reino de Gana - VII a XIIId.C.

Na parte Ocidental da África, o Reino de Gana foi uma das primeiras civilizações de destaque,atingindo o auge no início da idade média europeia. Era um reino poderoso e politicamente centralizado, controlado por um rei visto como um ser divino, o que legitimava seu domínio pela religião. Entre as principais cidades do Reino de Gana, destaca-se sua capital, *Koumbi Saleh*, localizada ao norte da atual Bamako (capital do Mali).

Economicamente, o reino se sustentava pelos impostos cobrados nas atividades da região, especialmente a mineração do ouro e o comércio de sal e marfim. O Império de Gana chegou ao fim com os ataques e as investidas vindas do muçulmanos. Focados em destruir os povos soninquês e toda a riqueza conquistada, os invasores trataram, além da dominação, da conversão dos habitantes da região. Foi avassalador. O Império sofreu tantas perdas que não conseguiu se reerguer novamente. Assim, Gana não resistiu e teve sua capital conquistada em 1235, levando à fragmentação de seus territórios.



Kumbi Saleh - Mauritânia



SACRIFÍCIO

A riqueza de Gana também é explicada miticamente através da história de Bida, a cobra negra. Essa exigia um sacrifício anual em troca da garantia de prosperidade no reino. Todos os anos, uma virgem era oferecida. Um ano o noivo de uma vítima, de nome Mamadou Sarolle, a resgatou. Enganada em seu sacrifício, Bida se vingou da região. Uma terrível seca tomou conta de Gana e a mineração de ouro entrou em declínio.



Vista aérea de Oualata que ficava a noroeste de Koumbi Saleh, e parte do império Gana.

África: Império de Mali - XIII a XVd.C.

O Império de Mali tornou-se herdeiro do Império de Gana, passou a controlar todo o comércio local e formou um novo reino. Liderados por Sundiata Keita, seu primeiro imperador, essa civilização tomou o controle das rotas comerciais e das riquezas na região, formando um poderoso reino. O líder do Império Mali era chamado de "mansa", e, assim como em Gana, mantinha o poder centralizado. Os mansas sucessores de Sundiata Keita converteram-se ao islamismo, que virou a religião oficial do império.



Vista aérea de Tombuctu



Grande Mesquita de Djenné, séc. XIII, em Tombuctu, É o maior edifício em adobe do mundo



Madraça de Sancoré

O Reino prosperou, e como resultado, formou-se dentro do Império Mali a cidade de *Tombuctu*. Situada em meio ao deserto do Saara, a cidade foi um grande centro comercial e intelectual. Lá foram edificadas, as madraças (mesquitas) de *Sankore, Djingareyber e Sidi Yahya*, edifícios de adobe e barro, considerados grandes centros de aprendizado do Mali antigo, que preservaram milhares de manuscritos, dentre eles, uma das obras mais famosas da África: os Manuscritos de Tombuctu.





Parte da fachada de Sancoré - Séc. X - Tombuctu

O ouro extraído por Mali sustentava grande parte do comércio no Mediterrâneo e sua riqueza ficou muito conhecida na história. Segundo consta, Mansa Musa, descendente de Sundiata Keita, é conhecido como o ho-mem mais rico de toda a história entre 1324 e 1325. Conta-se que em peregrinação a Meca, parou para uma visita ao Cairo e teria presenteado tantas pessoas com ouro, que o valor desse metal se desvalorizou por mais de 10 anos.

O declínio do Mali ocorreu pelas tensões religiosas com os povos não islamizados, que resistiam à dominação. Isso enfraqueceu o Império, levando à conquista de sua capital em 1468 pelo Império Songai.

África: Império Songai - V. a XVId.C.

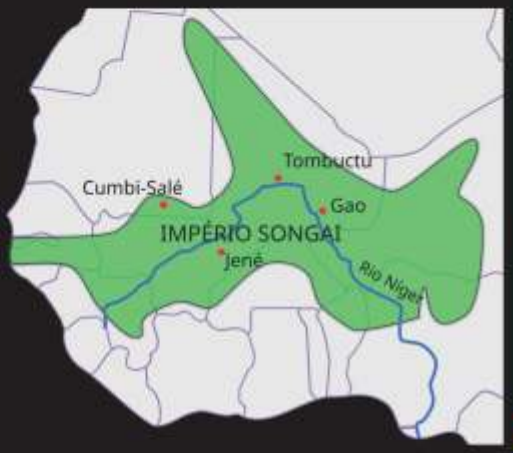


Após o declínio do poderoso Império do Mali, os vassalos Songai se libertaram e fundaram um dos maiores impérios que a África já viu: o Império Songai.

Com Tombucto como um centro vibrante de conhecimento e o Islã revitalizado, os songai dominaram o comércio transaariano e estabeleceram a sua capital na cidade de Gao, localizada às margens do rio Níger.

No início, o território Songai era uma região dominada pelo Império de Mali. Porém, conforme Mali enfraquecia, os Songai conquistaram sua independência e começaram a avançar sobre os territórios de seus antigos dominadores. O mais famoso líder Songai foi Sonni Ali. Considerado um grande estrategista militar, ele conduziu os principais avanços territoriais do reino. Seu exército contava com uma poderosa cavalaria e uma grande frota naval, que controlava a navegação pelo rio Níger. Assim como Gana e Mali, Songai também teve sua economia baseada no comércio e nas rotas transaarianas. O domínio territorial de Songai foi um dos maiores de toda a história da África pré-colonial, estendendo-se desde o Oceano Atlântico até o Lago Chade.

Todavia, a grande extensão territorial, que dificultava a administração e facilitava as incursões inimigas, como por exemplo, os ataques de tropas marroquinas vindas do Norte, armadas com pólvora e em busca de novas rotas de riqueza, colaborou para o seu declínio.



África: Reino de Daomé/Abomé - XVII a XIXd.C.



O Reino do Daomé foi formado no território da atual República do Benim, mais ou menos no ano de 1.600, por povos fons e ajás, conhecidos no Brasil como jejes ou mina-jeje.

Explorando o tráfico de escravizados, o Daomé tornou-se uma potência regional e, no século XVIII, o grande fornecedor da costa ocidental da África, conhecida como "Costa dos Escravos". Trocavam prisioneiros capturados em guerras ou ataques por mercadorias: facas, rifles, tecidos e bebidas

O Daomé manteve boas relações com o Brasil desde meados do século XVIII e recebeu em degredo, em 1835 os escravizados participantes da Revolta dos Malês na Bahia. Uma pecularidade do Daomé era sua guarda feminina, mulheres guerreiras chamadas Ahosi ou Mino. O Reino durou até 1904 quando foi conquistado pelos franceses.



Mulheres guerreiras chamadas Ahosi ou Mino. Faziam a guarda pessoal do Rei.

África: Reino de Zimbábue - XIII a XVd.C.

Reino famoso por sua capital, o Grande Zimbábue, emergiu por volta de 1220 a partir do Reino de Mapungubwe e tornou-se o centro de um rico império comercial. A cidade, notável por seus muros de pedra construídos com o uso de blocos de granito sem argamassa, chegou a abrigar de 18 a 20 mil habitantes. O reino controlava o comércio de ouro, de marfim e de cobre do interior para a costa leste da África. Em troca, recebia produtos de luxo asiáticos e árabes, como tecidos indianos e cerâmica chinesa.

Os conjuntos de edifícios de pedra eram chamados zimbabwe em banto, vindo daí a origem da denominação do sítio e do reino. O Grande Zimbábue localiza-se numa elevação natural de 80m, tendo uma circunferência total de 250m, facilitando a defesa e servindo como espaço para rituais. A estrutura de pedra é o maior monumento antigo africano ao sul do Saara.



Ilustração artistica do Grande Zimbábue

As causas exatas do declínio da Grande Zimbábue não são conhecidas, mas a competição com estados rivais e a exaustão dos depósitos de ouro são as explicações mais prováveis. Aproximadamente na segunda metade do século XV, os povos xona migraram por centenas de quilômetros para o norte e formaram um novo estado, o Reino de Mutapa.







Ruinas da Grande Zimbábue e Mapa de localização do Reinos

África: Império Monomotapa - XV a XVIIId.C.



Banco de madeira esculpida, executado pela tribo Shona. Essa tribo criou grandes reinos no sul da África como o Grande Zimbábue e Mutapa. Pertence ao acervo do Museu Britânico de Londres

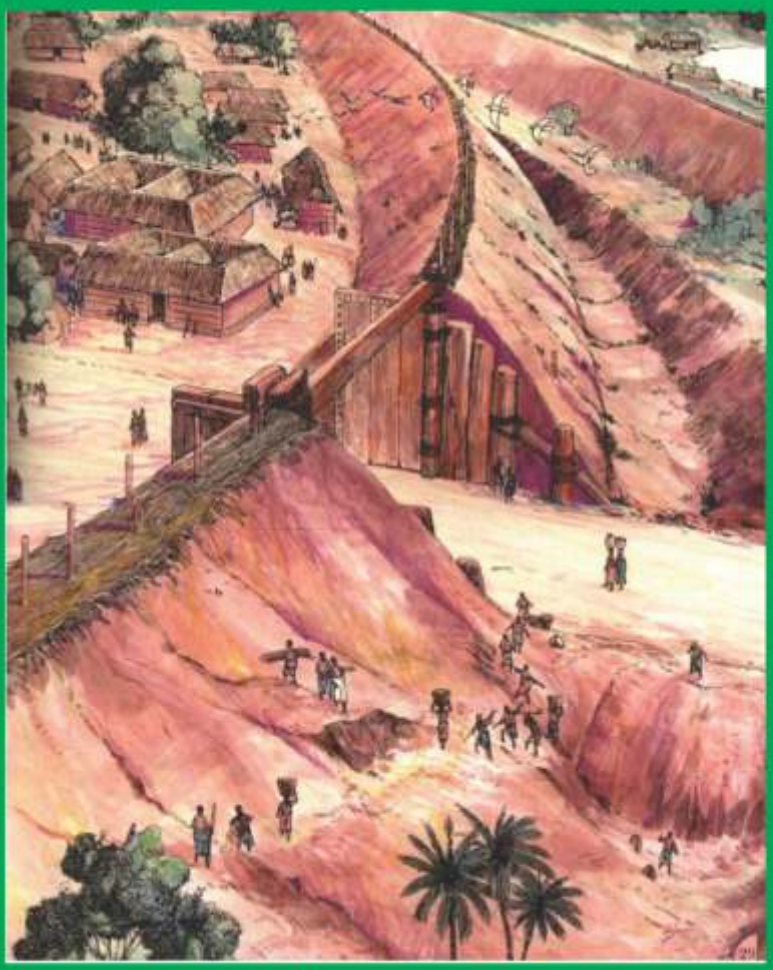
O Império Monomotapa ou Mutapa estendia-se desde os rios Limpopo e Zambeze, até a costa do Oceano Índico, ocupando parte dos atuais Zimbábue e Moçambique. Esse Império africano possuía ricas minas de ouro e controlava a metalurgia do ferro. Seu rei era chamado Muene, que significa príncipe ou senhor. A junção do título Muene mutapa: senhor das minas, deu nome ao reino.



O império conseguiu unir povos diferentes do sul da África e atingiu sua maior extensão em 1480. Quando os portugueses chegaram à costa do Moçambique, por volta de 1504, o reino de Monomopata era o principal Estado da região. Era tamanha a sua riqueza que os portugueses acreditavam que as lendárias minas do rei Salomão estavam escondidas em Monomotapa.

O Muene usava a marinha portuguesa para transportar bens de luxo entre Monomotapa e a Índia, impondo uma taxa de 50% sobre todos os bens comerciais importados.

África: Cidade de Benim - XII a XIXd.C.



Reconstituição artística do fosso e muralha que protegia a cidade.

Benin foi um cidade-estado de população edo, povo aparentado dos iorubás, estabelecida em uma área que hoje faz parte da Nigéria. É chamada, também, de Reino Edo. A cidade foi fundada no século XII , por um príncipe iorubá vindo de Ifé, a cidade sagrada. Nos séculos seguintes, Benim destacou-se como um dos maiores centros mercantis da região do Golfo da Guiné e como importante centro fornecedor de escravos para a América. O Estado monárquico de Benim era governado pelo oba, chefe militar e religioso

A cidade possuía ruas espaçosas, com cerca de 37 metros de largura, que irradiavam a partir do centro onde ficava o palácio do oba. Um sistema de drenagem subterrânea canalizava as águas pluviais para longe da cidade. A cidade formava um mosaico geométrico com áreas contendo, cada uma, casas, oficinas, pátios e edifícios públicos. Situada em um planície, Benim era protegida por valas profundas e possantes muralhas. A terra retirada na escavação do fosso foi usada para formar a muralha externa. Sendo considerada uma das maiores obras de terraplanagem do mundo, realizada antes da era industrial. Estendiam-se por cerca de 16.000 km ao todo, em um mosaico de mais de 500 assentamentos interconectados.

Em 1897, os ingleses invadiram Benim, prenderam o Oba, saquearam seus bronzes e incendiaram a cidade.

"O grande Benin, onde reside o rei, é maior que Lisboa, todas as ruas correm retas e a perder de vista. As casas são grandes, especialmente a do rei, ricamente decorada e com belas colunas. A cidade é rica e trabalhadora. É tão bem governado que o roubo é desconhecido e as pessoas vivem com tanta segurança que não têm portas em suas casas".

Depoimento de Lourenço Pinto: capitão de navio português - 1691



Gravura do séc. XVI representando o Oba do Benin



O Reino de Benim, situado na atual Nigéria, floresceu do século XIII ao XIX. Conhecido por sua governança sofisticada sob o Oba e sua intricada arte em bronze, o reino se expandiu por meio do comércio e conquistas militares. A invasão britânica em 1897 marcou o seu fim.

ATENÇÃO

Não confunda o Reino do Benim com a atual República do Benim. O antigo Benim era Estado pré-colonial da moderna Nigéria. Já o nome do país atual é uma homenagem ao Reino do Benim.

Iorubá é o nome de uma das maiores etnias do continente africano, em termos populacionais, ligadas entre si por uma língua de mesmo nome, história e cultura. A maior parte deles vive na Nigéria, na região sudoeste do país. Há também importantes comunidades presentes em Benim, Gana, Togo e Costa do Marfim. Com a diáspora, bastante ativa entre os séculos XV e XIX, muitos traços da cultura iorubá foram disseminados por extensas regiões do continente americano, com destaque para Brasil, Cuba, Trinidad e Tobago e Haiti. Boa parte da população negra no Brasil veio de terras iorubás.

Os iorubás eram povos agricultores que habitavam a região sul do Rio Níger, no território da atual Nigéria desde o século IV. Mas, só a partir do século VI, passaram a edificar cidades que embora independentes, mantinham a mesma identidade cultural. *Ifé*, construída no século VI, considerada sagrada por ser o berço dos iorubás, era a cidade mais importante, segundo a crença local. Ela foi um grande centro artesanal e artístico, conhecida por suas esculturas naturalistas em bronze, pedra e terracota. Era governada por um rei sacerdote que tinha o título de *Oni*, enquanto nas outras cidades os governantes recebiam o título de *Oba*.



Esculturas iorubá em bronze



Dança dos Orixás

Outra cidade importante foi *Oyo*, centro militar e capital política que, no final do século 17, se expandiu até Daomé (atual Benin), tornando-se um grande império. Nunca abrangeu todos os povos de língua iorubá, mas foi o reino mais populoso dessa etnia. Na segunda metade do século XVIII, intrigas dinásticas, golpes palacianos e campanhas militares fracassadas começaram a debilitar o Império Oyo. Em 1888 tornou-se colônia da Grã-Bretanha, antes de se fragmentar ainda mais pelas guerras. O estado de Oyo deixou de existir em 1896.

Vale lembrar que, mesmo com a criatianização e islamização, os iorubás, mantiveram-se fiéis às tradições politeístas, sendo os orixás os seus deuses. Ao contrário do que se acredita, a crença nos orixás não se expandiu pela África, manteve-se exclusivamente iorubá. Mas, como muitos iorubás (nagôs no Brasil) foram escravizados e trazidos à força para a América, seu culto aos orixás misturou-se com o cristianismo imposto por portugueses e espanhóis, criando vários religiões sincretica como, por exemplo, o Candomblé e a Umbanda no Brasil e o Vodu no Haiti.

A partir do século XV, as cidades iorubás iniciaram seu processo de declínio, apesar de Oyo ter se mantido até o século XIX. Muitos pesquisadores acreditam que a falta de unidade política foi uma das causas desse declínio, já que os iorubás não tiveram condições de se fortalecer para enfrentar o processo de escravização que lhes foi imposto.



Pingente - Séc. IX



Cabeça em bronze



Carnaval Iorubá

A língua Iorubá

A língua é um componente fundamental da identidade de um povo. O iorubá é uma língua tonal, em que o tom de voz usado ao pronunciar uma palavra pode alterar seu significado. É rica em nuances e expressões, refletindo a complexidade da cultura iorubá. A diversidade linguística entre os iorubás é notável, com diferentes dialetos e variações ao longo das regiões onde estão presentes.

Orixá Oxalá (Obatalá).



A criação do mundo segundo os Iorubás

No começo, o mundo era todo pantanoso e cheio d'agua, um lugar inóspito, sem nenhuma serventia. Acima dele, havia o céu, onde viviam Olorum e todos os orixás, que , às vezes, desciam para brincar nos pântanos insalubres. (...) Ainda não havia terra firme, nem o homem existia. Um dia, Olorum chamou à sua presença Obatala, o Grande Orixá. Disse-lhe que queria criar terra firme lá embaixo e pediu-lhe que realizasse tal tarefa. Para a missão, deu-lhe uma concha marinha com terra,uma pomba e uma galinha com pés de cinco dedos. Obatalá desceu ao pântano e depositou a terra da concha. Sobre a terra pôs a pomba e a galinha e ambas começaram a ciscar. Foram assim, espalhando a terra que viera na concha até que a terra firme se formou por toda parte. (...) Depois Olorum mandou Obatalá de volta a terra para plantar árvores e dar alimentos e riquezas ao homem. (...) Foi assim que tudo começou. E foi ali, em Ifé, durante uma semana de quatro dias, que Obatalá criou o mundo e tudo o que nele existe. (...)Mas a missão não estava ainda completa. Obatalá modelou em barros os seres humanos e o sopro de Olodumare os animou. O mundo agora se completara e todos louvaram Obatalá.

(Fonte: Prandi, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo, 2001.)

África: submetidos

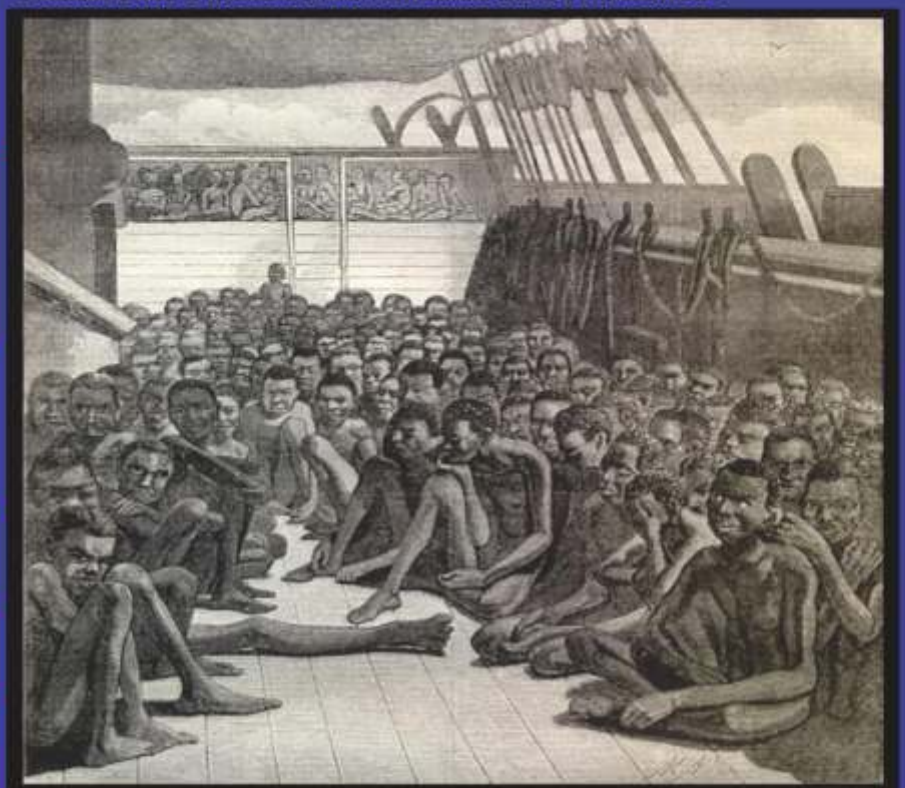
A escravidão foi prática comum na humanidade e na África também. Os egípcios, por exemplo, mantiveram escravizados durante o auge de sua civilização. A guerra ou o saldo de dívidas eram as formas mais recorrentes disso acontecer. Quando diferentes povos entravam em confronto, os derrotados poderiam ser levados como prisioneiros e, tradicionalmente, juntavam-se à comunidade que os escravizou, realizando, principalmente, trabalhos agrícolas. Esses, com o tempo, eram gradativamente assimilados, incluídos na comunidade que os escravizava.

Já os endividados, quando conseguiam saldar suas dívidas, eram libertados. Apesar da instituição da escravidão existir em todas as partes da África, ela se transformou-se fonte de lucro comum a partir do incentivo de árabes e europeus.



Gravura representando uma caravana árabe transportando escravos africanos pelo Saara.

A partir do século VIII, a islamização do norte da África incentivou o comércio de escravizados no continente africano. Os árabes usavam-os em diversas atividades como na agricultura, na artesania. Estima-se que milhões de africanos tenham sido vendidos aos árabes. Tal comércio fez com que os diferentes povos africanos desenvolvessem uma nova relação com a escravidão: a comercial. Um grande comércio que buscava unicamente o lucro com a venda de seres humanos.

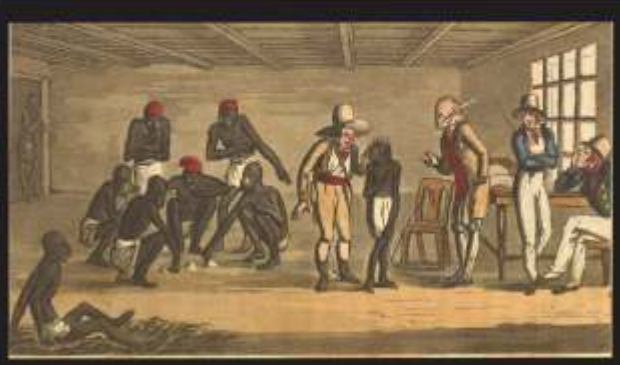


Navios negreiros ou navios tumbeiros eram os nomes dados aos navios que realizavam o transporte de escravos, originários especialmente da África, até o século XIX.

No século XV, os europeus tornaram-se clientes desse comércio. No contexto das grandes navegações, diferentes povos europeus ampliaram o seu contato com povos africanos, e logo se estabeleceu o comércio de escravizados como uma das atividades praticadas. Antes mesmo da colonização da América, cidades europeias, como Servilha e Lisboa já possuíam grande quantidade de africanos escravizados. O contato com os europeus incentivou ainda mais o comércio de escravos.

Tal prática fez com que muitos povos africanos entrassem em guerra, entre si, unicamente, para obter prisioneiros para a venda ou troca. Os reinos de Daomé e Ashanti, por exemplo, prosperam bastante com o comércio de escravos. Estima-se que mais de 40 milhões de pessoas tenham sido capturadas como escravas no continente africano entre os séculos XVI e XIX, dos quais cerca de 12 milhões chegaram às Américas. Os africanos escravizados eram trazidos para a América em embarcações conhecidas como tumbeiros e eram submetidos a condições degradantes.





Mercado de escravos no Rio, comerciante de Minas Gerais barganhando. Londres - Geo. B. Whittaker, 1826.

"Dispersão/Migração forçada"

ÀJODÁJÚ

ÁFRICA

muitas histórias pra contar

"ÀJODÁJÚ" - "Dispersão/Migração forçada"



A diáspora africana foi marcada pelo deslocamento compulsório de milhões de africanos e africanas, sobretudo entre os séculos XVI e meados do XIX, em conseqüência do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas. Esse processo violento provocou separações familiares, perdas humanas, rupturas sociais e profundas transformações em diversas sociedades africanas. Seus impactos atravessaram o Atlântico e deixaram marcas duradouras tanto lá, quanto nas sociedades formadas pela presença de seus descendentes.

Mesmo diante da violência e da tentativa de apagamento, povos africanos transportaram consigo saberes, línguas, crenças, memórias, tecnologias e expressões culturais, recriadas e preservadas nas Américas e em outras partes do mundo. Este terceiro bloco da exposição apresenta um breve panorama desse movimento forçado e de suas consequências, evidenciando uma história de violência, deslocamento, resistência, memória e permanência.Migrar à força é ser arrancado de uma terra. Resistir é manter vivas as próprias raízes. Lembrar é impedir que essa história seja apagada.















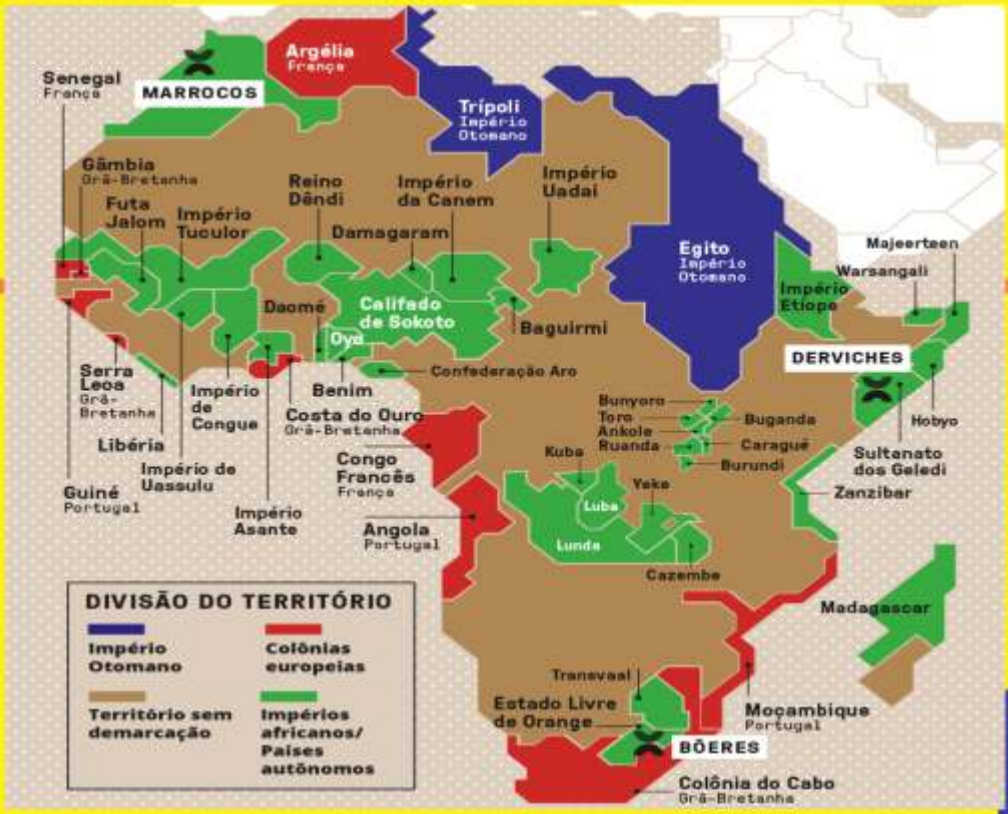
África: partilhas

Com as grandes navegações e a expansão marítima, os europeus se estabeleceram em determinadas partes do continente africano, como a presença portuguesa em Angola, por exemplo, mas foi a partir do século XIX que a presença europeia se tornou uma iniciativa de colonização. Com o desenvolvimento industrial europeu veio a necessidade contínua de matérias-primas e de novos mercados consumidores. Isso fez com que o continente africano fosse invadido pelas potências europeias. A essa intervenção e expansão europeia sobre o continente africano a partir do século XIX deu-se o nome de Imperialismo. As nações europeias que conquistaram colônias no continente africano foram a Inglaterra, a França, a Bélgica, a Itália, a Alemanha, Portugal e a Espanha. Esse ciclo imperialista se iniciou na primeira metade do século XIX, ganhando força na segunda metade desse mesmo século e tendo o seu período de auge entre os anos de 1884 e 1914 do século XX.

COMO ERA

Povos e reinos antes da divisão feita na Conferência de Berlim. Algumas regiões do norte já eram colonizadas pelo Império Otomano, outra maioria era autônoma.





A divisão do continente africano foi realizada sob pretextos religiosos e supostamente civilizatórios pela Conferência de Berlim. A reunião dos líderes de quatorze países da Europa, que a aconteceu entre 1884/1885, resultou na definição das fronteiras artificiais na África, de acordo com os interesses de cada uma dessas nações. Assim o continente foi dividido em colônias europeias. Tal partilha desconsiderou quaisquer aspectos socioculturais ou as divergências existentes entre os grupos étnicos. Sabemos que durante a dominação europeia, a rivalidade entre os grupos fora bastante proveitosa para os colonizadores, e que, quando ela não existia, era suscitada. Os reflexos desse processo, somados a outras questões internas, levaram a muitos dos conflitos que se desenrolam no continente desde então. Todavia, é interessante notar que essas fronteiras, mesmo artificiais, foram mantidas por muitos países africanos depois da sua independência.



COMO FICOU

África após a Primeira Guerra, com fronteiras definidas após a Conferência de Berlim. O domínio do território ficou principalmente nas mãos francesas e britânicas.

África: partilhas



Conferência de Berlim

Os africanos, é claro, não foram convidados para a Conferência. Embora os contornos do domínio europeu tenham mudado ao longo dos anos, a exploração seguiu firme até meados do século XX. A ocupação da África resultou numa exploração atroz dos recursos do continente e de suas populações. Um dos casos mais simbólicos do grau de exploração e violência dos europeus no continente africano aconteceu no Congo Belga. Essa região, localizada na África Central, foi alvo de uma grande exploração para a extração de marfim, de látex e de ouro. Na extração de látex, por exemplo, os trabalhadores africanos recebiam cotas diárias de extração e, caso não alcançassem a meta, eram vítimas de violências brutais. Um dos castigos mais comuns era a prática de decepar a mão ou o braço dos trabalhadores que não cumpriam as suas cotas. A violência belga no Congo foi tão grande que os historiadores estimam que os belgas podem ter sido responsáveis pela morte de até 10 milhões de pessoas em sua colônia.



Inferno Verde Belga - (Archive/Getty Images)



Imagens do holocausto colonial belga no Congo

Quem se manteve independente

Apenas dois países tiveram sua soberania formalmente respeitada após a Conferência de Berlim. A *Etiópia*, pela história de autodeterminação que vinha de séculos, conseguiu resistir e só teve a independência afetada uma vez entre 1936 e 1941, mas acabou derrotando a Itália. E a Libéria que manteve a sua autonomia por ser recente . O país foi formado por negros libertos americanos, que no início do séc. XIX, vieram ou foram mandados para a região da Costa da Pimenta, onde assentaram-se. Em 1847, quase quarenta anos antes de Berlim, conquistaram a sua independência e não foram afetados.



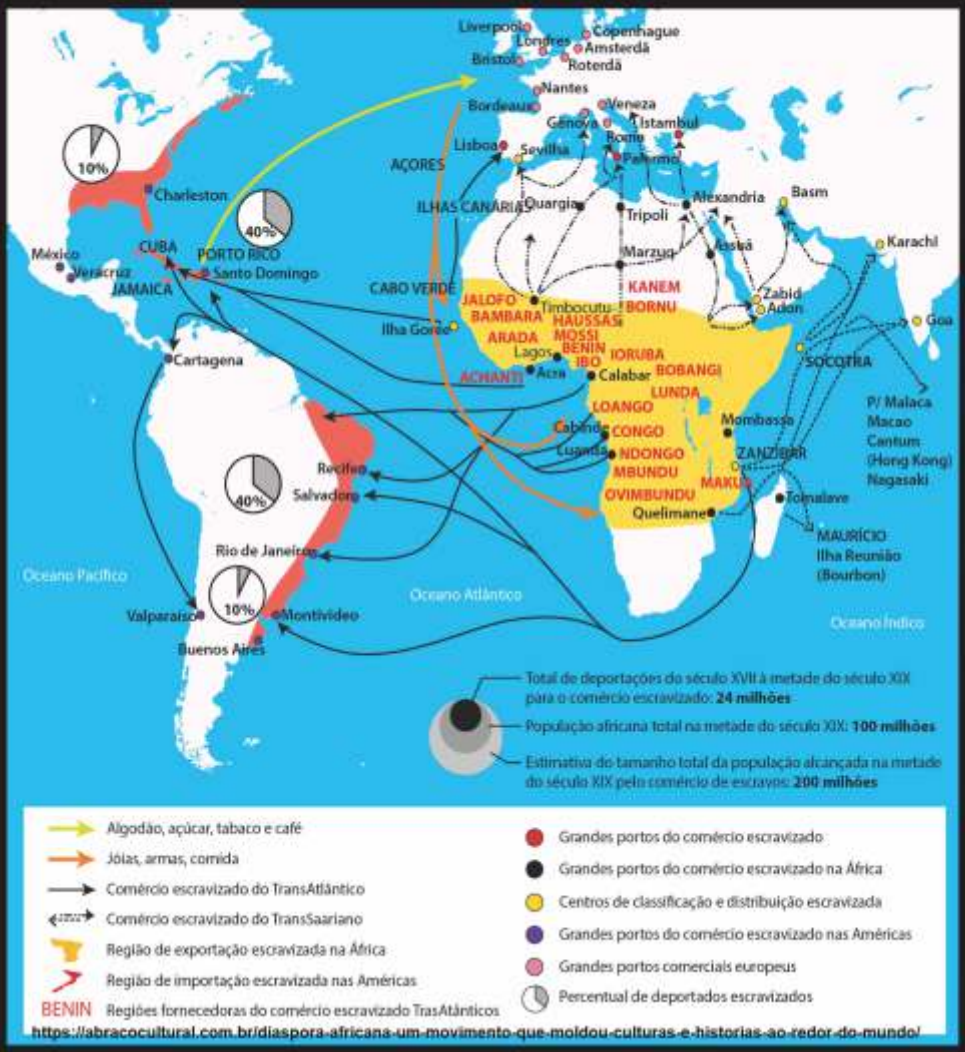
Monrovia, capital da Libéria



Vista aérea da cidade Addis Ababa, capital da Etiópia

Em 2019 a Bélgica pediu desculpas pela primeira vez pelo passado brutal, no que se refere aos sequestros, estupros, métodos de segregação e deportação de milhares de crianças que passaram pelo processo de adoção coercitiva, nas antigas colônias; Congo, Burundi e Ruanda, por todo o passado colonial

Africa: diáspora



https://abracocultural.com.br/diaspora-africana-um-movimento-que-moldou-culturas-e-historias-ao-redor-do-mundo/

A expressão "diáspora" significa dispersão de povos e culturas. Neste artigo, aplicamos o termo ao deslocamento forçado de milhões de africanos para fora de seu continente, sobretudo durante o tráfico transatlântico de escravizados, entre os séculos XVI e XIX. Quando falamos sobre o que foi a diáspora africana, nos referimos a um processo marcado principalmente pela imigração forçada de homens, mulheres e crianças africanas para as Américas.

Estima-se que, entre os séculos XVI e XIX, milhões de africanos foram forçados a deixar suas terras e atravessar o Atlântico em condições desumanas. Cerca de 12 milhões foram deslocados e aproximadamente 40% deles tiveram o Brasil como destino.

Esse processo histórico, marcado por séculos de violência colonial, teve como conseqüência a formação intensa de novas identidades, culturas e sociedades pelo mundo. (...)O Brasil foi o principal destino da diáspora africana: cerca de 5 milhões de pessoas foram trazidas para cá à força, fazendo do país o maior receptor desse movimento no mundo. Essa presença moldou profundamente a cultura brasileira.

Está nas religiões de matriz africana, na culinária, na música, nas festas populares e na forma como falamos português. A herança africana também está ligada à luta social e política no Brasil. Das revoltas de escravizados, como a Revolta dos Malês, aos quilombos liderados por Zumbi de Palmares, a resistência africana inspirou ideais de liberdade e de cidadania que ultrapassaram seus próprios grupos, influenciando toda a sociedade brasileira na busca por mais igualdade e justiça social.



(...) Os impactos da diáspora africana ultrapassam fronteiras nacionais. Em toda a América Latina e no Caribe, comunidades afrodescendentes foram fundamentais na construção das sociedades modernas. O Haiti, por exemplo, protagonizou a primeira revolução negra do mundo, em 1804, inspirando movimentos de independência em todo o continente. Nos Estados Unidos, a diáspora africana também foi a base para a luta por direitos civis no século XX. Já na Europa, especialmente em países como Portugal, Espanha, França e Inglaterra, as trocas culturais resultaram em novas expressões artísticas e identitárias. Responder à pergunta "O que foi a diáspora africana?" é reconhecer não apenas uma tragédia histórica, mas também a construção de sociedades afro-diaspóricas que, até hoje, conectam culturas, religiões, política e ciência em escala global.

África: atritos

Os conflitos na África de hoje têm origem no processo histórico de partilha do continente e na exploração promovida pelas nações europeias durante a colonização.



Ilustração retratando a partilha do continente africano durante a Conferência de Berlim.



Contemporaneamente a África é o continente com maior número de conflitos duradouros em todo planeta, de acordo com a ONU. De um total de 54 países que compõem a África, 24 encontram-se atualmente em guerra civil ou em conflitos armados.

As batalhas mais devastadoras estão relacionadas a Ruanda, Somália, Mali, República Centro-africana, Darfur, Congo, Líbia, Nigéria, Somalilândia e Puntlândia (Estados declarados independentes da Somália em, respectivamente, 1991 e 1998). Esses combates envolvem 111 milícias, guerrilhas, grupos separatistas ou facções criminosas.

Os países em guerra ficam na chamada África Subsaariana. A região é caracterizada pela pobreza, instabilidade política, economia precária, epidemias, baixos indicativos sociais e constantes embates entre governos e rebeldes.

A guerra civil no Sudão



Refugiados no Sudão do Sul durante a guerra civil.

Essa guerra, que completou dois anos em abril de 2025, reduziu a escombros cidades, hospitais e a produção agrícola. Além de ter devastado integralmente o país, demoliu praticamente toda a sua infra-estrutura e está provocando a maior crise humanitária da atualidade. Acumula um saldo de mais de cem mil mortos, um deslocamento interno entre doze e treze milhões, além de quase 4 milhões de refugiados em países vizinhos. É uma guerra sustentada por dois grupos rivais: as Forças Armadas Sudanesas (FAS) e a organização paramilitar conhecida como Forças de Apoio Rápido (FAR).



Refugiados no Sudão do Sul durante a guerra civil.

"Durante o periodo colonial, convidava-se o povo a lutar contra a opressão. Depois da libertação nacional, convida-se a lutar contra a miséria, o analfabetismo e o subdesenvolvimento."

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

"A diversidade étnica nunca foi combustível para suscitar guerras civis na África".



Uma explicação fortemente rejeitada na literatura recente é aquela que credita a diversidade étnica o combustível para as guerras civis. Ao contrário, a diversidade étnica é apontada como fator inibidor do conflito civil. É muito difícil organizar ou sustentar uma rebelião em sociedades pouco homogêneas. Os conflitos civis tendem a ser menos freqüentes em sociedades divididas em muitos pequenos subgrupos étnicos ou religiosos. Ao longo da história, diversos conflitos étnicos aconteceram e ainda acontecem no continente africano.

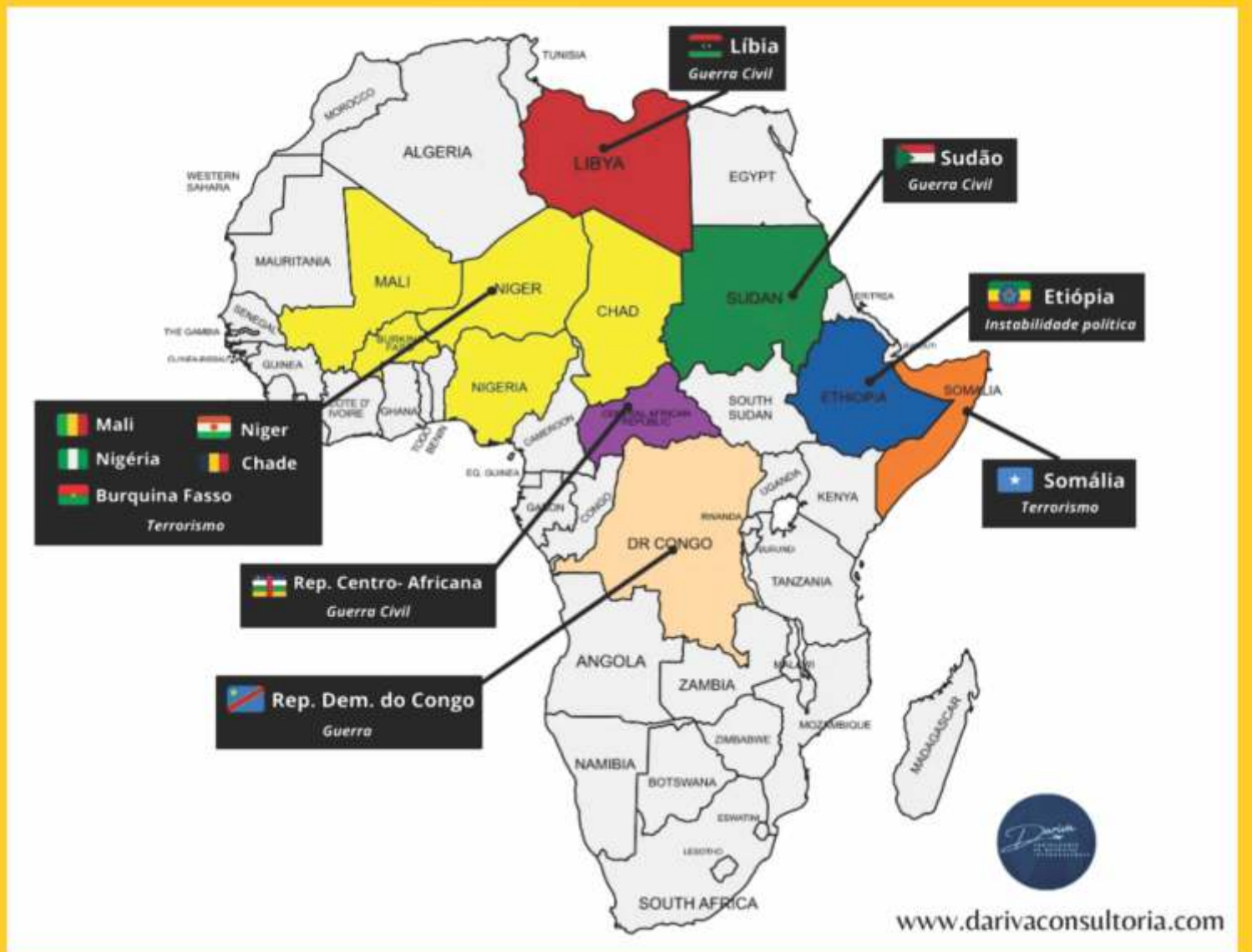
Principais conflitos no continente africano

GENOCÍDIOS

No final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), movimentos nacionalistas e anticolonialistas travaram guerras para conquistar a independência das nações africanas. Nos anos 1970 e 1980, sucessivos golpes militares e disputas étnicas impediram a continuidade política e, conseqüentemente, o desenvolvimento da região.

De modo geral, as guerras africanas não são guerras entre países, mas conflitos internos. Eles têm como principais causas a falência do Estado, batalhas pelo controle do governo e a luta por autonomia de grupos étnicos. O que mais chama atenção, contudo, é a brutalidade dessas disputas, sobretudo aquelas travadas após os anos 1990. Genocídios, massacres, estupros em massa, exército de crianças e extermínio de comunidades inteiras com facões e machados compõem a barbárie. A fome é outro instrumento usado pelas facções, que destroem as plantações e expulsam populações de seus lares. Diferente das guerras no século XX, os atuais conflitos africanos matam, em 90% dos casos, civis, não militares.

A Segunda Guerra do Congo é considerada o conflito armado mais letal desde a Segunda Guerra Mundial. Em 2008, 5,4 milhões de pessoas foram mortas, a maioria de fome. Ruanda foi palco de um dos maiores genocídios da história do continente. Em apenas cem dias, entre os meses de abril e junho de 1994, 800 mil pessoas foram mortas no país, a maioria da etnia tutsi. Em Darfur, desde 2003 os conflitos deixaram cerca de 400 mil mortos, segundo estimativas de ONGs, e 2,7 milhões de refugiados, gerando uma das piores crises humanitárias deste século.



REFUGIADOS

Outra consequência dos conflitos é a expulsão de milhares de pessoas para campos de refugiados. Isso provoca, por sua vez, uma crise humanitária, com a proliferação de doenças e a fome que dizimam a população. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (UNHCR, na sigla em inglês) calcula em 43,3 milhões o número de pessoas expulsas de seus países, em todo o mundo, sendo que 15,2 milhões delas têm o status de refugiados. Afeganistão e Iraque, países ocupados pelas forças americanas no começo deste século, possuem o maior número de refugiados, seguidos de Somália e Congo. O maior campo de refugiados no mundo fica no Quênia, com 292 mil pessoas.

Mesmo com a ajuda humanitária, os países em guerra não conseguem se reconstruir. Ao final dos combates, a pouca infraestrutura existente e serviços foram devastados, atrasando ainda mais o progresso econômico.

África: espólios

Economia crescente e política conturbada

Os países do continente africano ainda são alvos de muita interferência estrangeira, sobretudo das potências ocidentalizadas, interessadas em explorar seus ricos recursos naturais (produtos minerais). Essa gerência externa na economia colabora para a formação de governos autoritários e para a recorrência de golpes militares no continente. A corrupção também é um problema significativo para os governos africanos, assim como os conflitos internos entre civis e externos entre nações. Ainda existe o crescimento de grupos fundamentalistas, como o Boko Haram, na Nigéria, e o Al-Shabab, na Somália.



Garimpo em minas de ouro ilegais em Gana



Soldados do grupo fundamentalista Al-Shabaab

Riqueza/Pobreza/Diversidade/Unidade/Opulencia/Miséria

Mesmo rico e diverso o continente africano ainda sofre consideravelmente com a pobreza e com a miséria, tendo indices de desenvolvimento humano muito baixos. A desigualdade social e de gênero ainda são problemas graves, há violações dos direitos básicos das mulheres, assim como ainda há milhões de pessoas submetidas à pobreza severa. Há ainda problemas em muitas nações do continente, como falta de saneamento básico, alfabetização e sistema educacional precários, subnutrição, grave problema com endemias, isto é, doenças que são recorrentes e afetam milhares de pessoas, como a ebola e o HIV entre outros.

Em sentido oposto, na contemporaneidade, alguns países do continente africano passam por um grande crescimento populacional e um significativo desenvolvimento econômico, incenti-vados, principalmente, pela China. Países como África do Sul, Ruanda, Quênia e outros têm tido um desenvolvimento consistente, principalmente, em infra-estrutura e tecnologia.



Vista panorâmica de Nairobi, da capital do Quênia



Vista panorâmica de Kigali , capital de Ruanda

ÁFRICA

Exposição - Africa: muitas histórias pra contar

Concepção, curadoria e expografia
Prof.: Iradilson Bispo

Revisão Ortográfica e gramatical
Profa.: Patrícia Sales

Projeto ComCiência - Censo étnico racial

Elaboração e Execução
Prof. Iradilson Bispo

Assessoria em Informática
Prof.: William Douglas de Oliveira

Desenvolvimento do Projeto
Alunos da 2ª série

Realização

CENTRO DE EXCELÊNCIA DR CARLOS FIRPO

Gestão
Elisabeth Oliveira
André Sá
Jucelene Alves
Morgana Almeida

A exposição ''África; muitas história pra contar''
e o censo étnico racial foram realizados
com recursos do PROFIN - PROJETOS 2025
da Secretária de Educação do Estado de Sergipe/SEED-SE

FONTES DE PESQUISA

Referências Bibliográficas físicas

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Jinga, um destino. In: HEYWOOD, Linda M. Jinga de Angola: a rainha guerreira da África. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Todavia, 2019.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BARBOSA, Katiuscia Quirino. A África sob o olhar do outro : a Guiné nas representações literárias e cartográficas portuguesas do século XV [recurso eletrônico] - Niterói, RJ : EDUFF, 2020.

FONSECA, Marina Bracks. Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola: século XVII. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. São Paulo: Ed. 34 / Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes - CEAA, 2001.

HEYWOOD, Linda M. Jinga de Angola: a rainha guerreira da África. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Todavia, 2019.

HOBSBAWM, Eric. A era dos impérios: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003

MACEDO, José Rivair. História da África. São Paulo: Contexto, 2020.

MACKENZIE, J. M. A Partilha da África 1880-1900. São Paulo: Editora Ática, 1994.

MUNANGA, Kabengele. Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Lakin e GÁ, Luiz Carlos. Adinkra. Sabedoria em símbolos Africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). Historia geral da África: século XVI ao século XX. Brasília: UNESCO, 2013.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

WESSLING, Henry. Dividir para dominar: a partilha da África (1880-1914). Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Revan, 1998.

Referências Bibliográficas virtuais

http://crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/alma-africana-no-brasil.pdf

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64442024000100605

http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2020/06/Pequeno-dicion%C3%A1rio-de-nomes-africanos.pdf

http://www.afreaka.com.br/

http://www.afreaka.com.br/notas/diversidade-linguistica-africana-e-suas-herancas-na-formacao-portugues-brasil/

http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2013/01/com-54-paises-a-africa-e-um-continente-repleto-de-diferencas.

https://abracocultural.com.br/diaspora-africana-um-movimento-que-moldou-culturas-e-historias-ao-redor-do-mundo/

https://abrasoffa.org.br/dancas-tipicas/batswana/

https://africanahistoria.com/a-escrita-hieroglifica-e-a-importancia/

https://africanancestry.com/pt-br/blogs/glossary/african-diaspora-demystified

https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-04/mais-de-70-das-cidades-nao-cumprem-lei-do-ensino-afro-brasileiro

https://bigslam.pt/noticias/paises-africanos-alguns-nomes-e-suas-etimologias/

https://brasilescola.uol.com.br/geografia/conflitos-na-africa.htm

https://brasilescola.uol.com.br/geografia/conflitos-na-africa.htm

https://brasilescola.uol.com.br/geografia/iorubas.htm

https://brasilescola.uol.com.br/geografia/panafricanismo.htm

https://chc.org.br/artigo/reinos-da-africa/

https://claudio-zeiger.blogspot.com/2012/01/panafest-o-festival-pan-africano-de.html

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Chapel_Of_The_Tablet,_Axum,_Ethiopia_(2842610803).jpg

https://diasporaafrica.org/

https://www.culturagenial.com/dancas-africanas-e-afro-brasileiras/

https://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1506728101_ARQUIVO_trabalhocompletoparaoencontrodeensinodehistoria.pdf
https://diplomatique.org.br/panafricanismo-descolonizacao-e-a-encruzilhada-africana-no-seculo-xxi/
https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/africa-ocidental-imperios-de-gana-e-mali---e-as-cidades-iorubas.htm
https://en.wikipedia.org/wiki/Ashanti_Empire.
https://ensinarhistoria.com.br/grandes-sociedades-da-africa-pre-colonial/
https://en-wikipedia-org.translate.goog/wiki/African_dance?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc
https://escolaelysioathaide.blogspot.com/2010/10/palavras-do-ioruba-na-lingua-portuguesa.html
https://expressodasilhas.cv/lifestyle/2018/01/30/nomes-africanos-e-o-seu-significado/56395
https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/09/13/filosofos-africanos-consideram-que-a-palavra-africa-e-uma-injuria-racial-e-que-continente-deveria-ser-renomeado.ghtml
https://iela.ufsc.br/africa-esta-desconhecida/
https://ipeafro.org.br/
https://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/
https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2013/12/SUPLEMENTO-DIDATICO.pdf
https://jornal.usp.br/articulistas/pedro-feliu/os-conflitos-civis-na-africa/
https://jornalempoderado.com.br/voce-conhece-o-significado-dos-nomes-de-alguns-paises-africanos/
https://lermais.com.br/7-rainhas-africanas-poderosas-que-voce-nao-aprendeu-na-escola/
https://pt.wikipedia.org/wiki/Escritas_da_%C3%81frica
https://multi.rio/index.php/noticias/15356-a-influ%C3%AAncia-de-l%C3%ADnguas-africanas-no-portugu%C3%AAs-falado-no-brasil
https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/cultura-africana.htm
https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/iorubas.htm
https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/os-conflitos-na-africa.htm
https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/africa-continente-com-ou-sem-historia.htm
https://primeirosnegros.com/partilha-da-africa/
https://profissaohistoria.blogspot.com/2013/11/os-povos-iorubas.html
https://pt.babbel.com/pt/magazine/os-nomes-dos-continentes
https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica
https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_conflitos_na_%C3%81frica
https://pt.wikipedia.org/wiki/Partilha_de_%C3%81frica
https://raizdosambaemfoco.wordpress.com/2016/09/10/nomes-de-origem-africana-e-seus-significados-meninos/
https://raizdosambaemfoco.wordpress.com/2016/09/10/nomes-de-origem-africana-e-seus-significados-meninas/
https://revistaraca.com.br/a-partilha-da-africa-um-crime-premeditado-e-suas-consequencias/
https://segredosdomundo.r7.com/sankofa-significado-simbolo/
https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acaoinstitucional/OGOT_Africa_do_sec_XVI_ao_XVIII.pdf
https://super.abril.com.br/cultura/consciencia-negra-conheca-os-adinkras-simbolos-africanos-que-estao-no-seu-cotidiano/
https://super.abril.com.br/especiais/a-partilha-da-africa/
https://super.abril.com.br/especiais/atlas-etimologico/
https://super.abril.com.br/historia/a-historia-dos-imperios-africanos/
https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-mapa-mundi-que-voce-conhece-distorce-e-muito-o-tamanho-real-dos-paises/
https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190252
https://vestibulares.estrategia.com/portal/materias/historia/reinos-africanos-na-idade-media/
https://www.a12.com/redacaoa12/mundo/africa-um-continente-esquecido
https://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/10082010_17.pdf
https://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/10082010_17.pdf
https://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/Arte_africana_ou_Artes_Africanas.pdf
https://www.agbt.com.br/blog/lingua-ioruba/
https://www.awaytoafrica.com/afrofuture-2023-tour-ghana
https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4dwjgpwkjo
https://www.berose.fr/article1126.html?lang=fr
https://www.blackpast.org/global-african-history/ashanti-empire-asante-kingdom-18th-late-19th-century/
https://www.britannica.com/place/Asante-empire.
https://www.culturagenial.com/dancas-africanas-e-afro-brasileiras/
https://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1506728101_ARQUIVO_trabalhocompletoparaoencontrodeensinodehistoria.pdf

https://www.facebook.com/Africadesconhecida/posts/pfbid02rhG2c7YE6K5aDKAD8uJaUYvCTzkQLwjD6TKXj66dowgkA24bkSEuSs15K86WJqJ1l
https://www.facebook.com/cienciahoje/posts/-geoinforma%C3%A7%C3%A3o-voc%C3%AA-sabia-que-o-mapa-m%C3%BAndi-que-aprendemos-na-escola-distorce-o-t/1332698325553108/
https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/2_V.php
https://www.geledes.org.br/diversidade-linguistica-africana/
https://www.geledes.org.br/yoruba-lingua-memoria-e-parte-da-consciencia-do-povo-negro/
https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://ojs.letras.up.pt/index.php/AfricanaStudia/article/download/7092/6515/23397&ved=2ahUKEwirweOq9NiRAxUNHrkGHVbXC5U4ChAWegQIGBAB&usg=AOvVaw3wYIud8eKU-w5UNS4Zf-bD
https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/download/19611/11982/67405&ved=2ahUKEwjr757M9NiRAxX4IbkGHci_Mfk4HhAWegQIKhAB&usg=AOvVaw1E91OxSR8Tk2X4aopLIzfD
https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/download/3180/2818/11845&ved=2ahUKEwicg5qXhNmRAxXqH7kGHTfHN0EQFnoECBcQAQ&usg=AOvVaw1dbE4RCVrYeSN_glLO_Pei
https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://pdfcoffee.com/origens-africanas-do-brasil-contemporaneo-kabengele-munanga-pdf-free.html&ved=2ahUKEwicg5qXhNmRAxXqH7kGHTfHN0EQFnoECBYQAQ&usg=AOvVaw1EWQYrijkqqutdEVStbiGy
https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interritorios/article/download/248997/37165/183733&ved=2ahUKEwjTttLBh9mRAxWoCbkGHbedGmI4ChAWegQILBAB&usg=AOvVaw029qn-xtbfIKbib7lRV09y
https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/view/60213/32735&ved=2ahUKEwjktc62iNmRAxUNILkGHT6tNh44ChAWegQIORAB&usg=AOvVaw2GWmjibDc1HhuciPMt_rUi
https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/download/3180/2818/11845&ved=2ahUKEwjws5udi9mRAxU0LbkGHY6xCA8QFnoECBQQAQ&usg=AOvVaw1dbE4RCVrYeSN_glLO_Pei
https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://horizontedigital.paginas.ufsc.br/files/2020/04/HST-SEM1-23a27MAR-3EM-1.pdf&ved=2ahUKEwj_35fUjdmRAxX-IrkGHc5WDq8QFnoECEAQAQ&usg=AOvVaw2sUomnwJIzX3NWsaox4who
https://www.gov.br/mec/pt-br/media/pronacampo/pdf/hga_i_metodologia_e_prehistoria_da_africa.pdf
https://www.gov.br/mec/pt-br/media/pronacampo/pdf/hga_iii_africa_do_seculo_vii_ao_xi.pdf
https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/reinos-e-imperios-africanos-2013-africa-antiga
https://www.guiageo.com/africa-politico.htm
https://www.historiadomundo.com.br/arabe/arabes.htm
https://www.maisbolsas.com.br/enem/historia/os-grandes-reinos-africanos
https://www.mprj.mp.br/documents/20184/1330165/Historia_Geral_da_africa_2_-_UNESCO.pdf
https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2024/12/EDUCATIVO_LINGUAS_AFRICANAS.pdf
https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2025/06/deserto-do-saara-veja-4-fatos-surpreendentes-sobre-a-regiao-como-animais-dormentes-e-uma-fronteira-com-o-mar
https://www.poder360.com.br/poder-internacional/uniao-africana-apoia-campanha-contra-mapa-que-diminui-continente/
https://www.reddit.com/r/MapPorn/comments/158i50a/the_literal_meaning_of_every_countrys_name_in/?tl=pt-br
https://www.revistaprosaversoearte.com/as-tribos-isoladas-da-africa-na-fotografia-de-jimmy-nelson/
https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/portal/pdf/educacao2101.pdf
https://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/368263.PDF
https://www.scielo.br/j/ha/a/gXdf3gXQczbgGVRzWPMjq7f/?format=html&lang=pt
https://www.sogeografia.com.br/Conteudos/Continentes/Africa/.
https://www.todamateria.com.br/africa-pre-colonial/
https://www.todamateria.com.br/arte-africana/
https://www.todamateria.com.br/dancas-africanas/
https://www.todamateria.com.br/imperio-arabe/
https://www.todamateria.com.br/partilha-da-africa/
https://www.todamateria.com.br/reinos-africanos/